

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
FACH – FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL**

REBECA DE AZEVEDO

Católico, gay e soropositivo: Um biografema sobre a vida

CAMPO GRANDE/MS

2023

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
FACH – FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL**

REBECA DE AZEVEDO

Católico, gay e soropositivo: Um biografema sobre a vida

Dissertação apresentada ao Programa de Pós- Graduação em Antropologia Social da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul para obtenção do grau de mestre em Antropologia Social.

**Orientador: Prof. Dr. Asher Brum
Coorientadora: Prof^a. Dra. Priscila Farfan**

CAMPO GRANDE/MS

2023

REBECA DE AZEVEDO

Católico, gay e soropositivo: Um biografema sobre a vida

Dissertação apresentada ao Curso do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Antropologia Social.

Campo Grande/MS, 29 de Novembro de 2023

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Asher Brum (PPGAS/UFMS)

Profa. Dra. Priscila Lini (PPGAS/UFMS)

Prof. Dr. Anaxsuell Fernando (Unila)

Em memória do meu avô Benedito.

AGRADECIMENTOS

São tantas pessoas para agradecer que não consigo pensar por onde começar. O mestrado foi um processo um tanto quanto difícil, conciliar as aulas com a carga horária de trabalho não foi nada fácil, mas foi uma experiência que não posso negar a importância para meu crescimento pessoal e amadurecimento.

Desde o início, sequer imaginei que realmente seria possível passar no PPGAS, e nem foi uma questão de duvidar da minha capacidade, mas, ali no momento, não estava nos meus planos já ingressar no programa de pós-graduação. Lembro que quando decidi que iria tentar, falei com a Maria e o Dan que também fariam a prova e nos ajudamos, especialmente o Dan, discutíamos sobre os textos e ele tirava minhas dúvidas sobre os conceitos que eu não entendia. Obrigada Dan, queria poder dividir esse momento pessoalmente com você e, assim quando vimos nossos nomes na lista de ingressos, poder comemorar a finalização desse ciclo. Também agradeço a Maria, pelas dicas de artigos e por compartilhar sua opinião sobre eles.

O professor Asher que me acompanha desde as Ciências Sociais, me orientou nas iniciações científica, no trabalho de conclusão de curso e aceitou, mais uma vez, me orientar no mestrado, mesmo sabendo que não seria fácil e que eventualmente ele seria mais que um orientador, mas um amigo, motivador e até mesmo um psicólogo para lidar com meus pequenos surtos semanais: sou extremamente grata, amigo.

Conheci muitas pessoas nessa caminhada e também novos lugares, como Corumbá e sua Festa de São João, e de alguma forma, não tão teórica, foi de extrema importância para a minha trajetória acadêmica e de vida. Uma experiência bonita, que me fez exercer a habilidade de olhar além do visível, e não me importar tanto com pequenos problemas - como roncar dormindo enquanto divido quarto com pessoas que nunca tive contato antes.

Todo esse tempo, desde a graduação, morei longe da minha família, em uma cidade de outro estado há quase 1000km de casa, agora escrevo isso no aconchego da casa em que cresci, mas até voltar para cá morei só e dividi casa com outras pessoas, e eu não poderia deixar de agradecê-las: primeiro a Fernanda, que foi minha companheira por quatro anos e também minha família, no qual dois anos foram

dividindo um lar, e o fato de dividir o dia-a-dia uma com a outra tornaram certas situações, principalmente da rotina do mestrado, mais leves e com certeza fizeram as experiências serem melhores. MUITÍSSIMO obrigada, Fer, meu agradecimento ainda é pouco perto de toda sua ajuda e de tudo que vivemos.

À Fernanda Savaris, com sua mansidão e paciência para a resolução de problemas foram inspiração para mim na minha vivência acadêmica, à Lydiane e a Nathály que apesar da correria da vida também fizeram parte da minha vida e desse período, no dia-a-dia da nossa casinha; obrigada, meninas!

Aos amigos que vieram desde a graduação - Jônatas, Giovanna Sonsa, Maria do Carmo, Matheus Firmino -, dividindo nossas frustrações, conquistas e alegrias, nada seria tão bom se eu não tivesse me encontrado com vocês no meio do caminho, obrigada por estarem juntos de mim. Até mesmo a Ana Keren que, apesar do pouco tempo, ouviu minhas chorumelas acadêmicas e se fez sempre disponível para me acolher, obrigada!

Sinto que a vida acadêmica não é parte da minha vida pessoal, elas são uma só formando uma longa caminhada. Às vezes o trajeto é um pouco esburacado, escuro, e me causa medo, mas a paisagem vez ou outra faz tudo valer a pena. Quando eu acho que nada novo vai surgir pelo caminho, surgem pessoas incríveis que apenas somam em minha vida, uma delas com certeza é o Ricardo e eu não poderia deixar de agradecê-lo pelo incentivo, paciência e amor. Obrigada!

E obviamente, não menos importante, na verdade de maior importância, minha família. Boa parte da minha vida foi ao lado da minha vó Dina e do meu vô Dito, hoje ele não está mais conosco mas desde que entrei na graduação, em 2017, ele comprava Tele Sena e dizia que se ganhasse compraria uma casa para mim em Campo Grande, foram milhares de tentativas, mas que bom até que não aconteceu, minha volta para casa foi essencial para a finalização do mestrado. Minha vó sem dúvidas é uma avó-mãe, são tantas memórias em todo esse tempo entre despedidas e retornos, abraços em meio ao choro e incentivo quando eu tinha vontade de desistir. Sempre falo que não há ninguém com mais mansidão nesse mundo do que ela, e eu me inspiro todos os dias. Há muito dela em mim e isso me torna uma pessoa muito melhor do que eu poderia ser.

O Neo é o marido do meu pai, ele foi meu professor também, como o conheço desde os cinco anos de idade me acostumei a chamá-lo de tio, mas a verdade é que ele também é meu pai, e sempre me tratou como filha, temos até uma brincadeira que

na verdade eu nasci dele de tanto que nosso relacionamento é bom, saudável e amoroso, como pai e filha. E além disso, me ajudando em todo o processo de estar fora, me ouvir e aconselhar, sua vida acadêmica também foi de enorme inspiração e um dos motivos pelos quais entendi que de fato queria ser professora. Obrigada, tio-pai!

Meu pai... Bom, nem todos os meus amigos conhecem meu pai pessoalmente, mas talvez em algum momento eles receberam alguma mensagem dele perguntando se eu estava bem, se algo havia acontecido e coisas do tipo. De fato ele é um pai presente, e até demais, com um amor impossível de dimensionar, que abraça apertado e não quer soltar mais. Todos os dias longe, e todos os dias perto, sempre tem bom dia, boa tarde e boa noite, e videochamadas totalmente inesperadas no decorrer de todos os dias. Confesso que as vezes nem eu sei lidar com todo carinho e presença, mas apesar disso, ter todo esse cuidado ali, a todo minuto, foi de extrema importância para os momentos mais difíceis e essencial para que eu não desistisse. Espero que eu possa retribuir isso e ter conseguido te dar orgulho. Obrigada, pai!

Se 1000km, outro estado, já é longe, imagina só outro país? Minha mãe, minhas irmãs e meu padrasto, se mudaram para os Estados Unidos um ano antes da minha mudança para Campo Grande. Lembro que no dia que eles estavam indo para o aeroporto eu estava no trabalho, e minha mãe me enviou uma mensagem avisando. Não consegui... passei o dia todo chorando e com uma saudade que parecia que explodiria meu coração a qualquer momento.

Na época minhas irmãs eram crianças ainda, a mais velha, a Maria, tinha apenas 11 anos, e as outras duas, Sarah e Ana, eram apenas uns bebezinhos para mim. Mas ainda sim eles se fizeram presentes em toda essa caminhada, as vezes ligava chorando de cansaço para minhas irmãs e elas me alegravam, minha mãe estava sempre lá com palavras motivacionais e me dando força e me acalentando, e meu padrasto com as piadinhas que sempre me faziam rir e descontraír. Não há como não ser grata por terem eles em minha vida.

Não pode deixar de citar minha tia Suzeti, meu tio Roberto, e meus primos Alan e Yan, e agradecê-los, pois foram eles que me auxiliaram no momento da matrícula, me mostraram Campo Grande e me acolheram em todo processo de adaptação em uma nova cidade: obrigada.

É um privilégio ser quem eu sou, pelos motivos que me tornaram assim, e por ter todas essas pessoas em minha vida, tornando-a mais leve, menos complicada e

difícil, e com tanto amor que transborda meu ser. Obrigada à todos, por tudo, hoje e sempre.

"The will to live is one with the milieu". (João Biehl)

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo a escrita de uma biografema, com base na concepção de Roland Barthes (2003), sobre um homem paraense e negro, que cresceu junto de sua avó, na igreja, e ao decorrer da puberdade, e curiosidades que surgem pelo caminho, descobre suas atrações por homens. Entre uma relação e outra, uma expulsão do seminário, e a sensação de ter seu projeto de vida destruído, acaba por se descobrir soropositivo, em um teste rotineiro de ISTs. Desse modo, através de Morte e Vida PositHIVa (2018) uma biografia de Beto Volpe, Will to Live (2007), em que João Biehl retrata a vivência de pessoas que vivem com HIV na instituição Caasah, também em seu livro Vita (2005), onde conta a história de vida de Catarina que encontra-se em uma casa terapêutica em Porto Alegre, e nos escritos de Didier Fassin, com When bodies remember (2007) em que apresenta experiências de pessoas com Aids (inclusive experiências espirituais) e suas políticas a respeito, é que se desenvolve essa dissertação, iniciando-se na infância, passando pela adolescência e juventude, até os dias atuais da vida de Sabiá. Assim sendo, o intuito é contribuir com outra perspectiva sobre pessoas que vivem com HIV, sem estigma, preconceitos e retratando uma realidade que outrora - há 42 anos - não se imaginava: viver bem e saudável com HIV, com expectativa de vida e vontade de viver tudo que se quer e é possível, através de entrevistas em profundidade, observação participante e elementos gráficos que retratam fotografias da vida do interlocutor e de fabulações que surgem por meio de sua história.

Palavras-chave: Biografema. Vivência. Fé. HIV/Aids. Sexualidade.

ABSTRACT

The aim of this master thesis is writing a biographeme based on Roland Barthes' (2003) conception about a black man from Pará, who was raised by his grandmother in a church environment, and throughout puberty and curiosities which emerged from it, he discovered his attraction to men. From one relationship to another, an expulsion from the seminary and the feeling of having his life project ruined, he ends up discovering he is seropositive for HIV through a daily STD test. Thus, inspired by *Morte e Vida PositHIVa* (2018) a Ben Volpe's biography, *Will to Live* (2007), in which João Biehl writes about the life of people who have lived with HIV at the Caasah Institute, also his book *Vita* (2005), which tells Catarina's life story, who is at an asylum in Porto Alegre, and Didier Fassi's *When bodies remember* (2007), in which he presents seropositive people's experience (including the spiritual ones) and its politics about it, this thesis is developed beginning at Sabiá's childhood and youth, until his present days. Therefore, the intention is contributing to another perspective about seropositive people, without stigma, prejudice and representing a reality which couldn't be pictured 42 years ago: living well and healthy with HIV, with life expectancy and will to live everything one wants and it's possible to do so. All of this through in-depth interviews, participant observation and graphic elements which portrays photos of the interlocutor's life and fables which emerge throughout his story.

Keywords: Biographeme. Experience. Faith. HIV/AIDS. Sexuality

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| INTRODUÇÃO | 13 |
| <i>Por quê desenho?</i> | 16 |
| <i>Mas e o HIV? Por quê?</i> | 18 |
| CAPÍTULO 1 - Sabia que o Sabiá sabia assobiar? | 21 |
| <i>“Um exímio cantor!”</i> | 21 |
| A INFÂNCIA..... | 22 |
| <i>“Então eu cresci nesse berço, nessa escola...”</i> | 22 |
| A ADOLESCÊNCIA..... | 30 |
| <i>“Pera lá... O quê eu sou mesmo?”</i> | 30 |
| A JUVENTUDE | 39 |
| <i>“E agora, o quê vou fazer?”</i> | 39 |
| CAPÍTULO 2 - Fé e vida, ser social e político | 43 |
| <i>“HIV não é sinônimo de morte”</i> | 43 |
| <i>“Quem sabe não tem nojo de mim”</i> | 52 |
| <i>“Comecei a considerar ser até como uma bênção.”</i> | 54 |
| <i>“Um cristão gay católico”</i> | 59 |
| <i>“Manter a resistência e a permanência”</i> | 67 |
| <i>“Quando eu me olho no espelho, eu vejo um futuro incerto”</i> | 72 |
| <i>“Eu gosto de ser quem eu sou, eu gosto da minha aparência, (...) do meu caráter”</i> | 76 |
| CAPÍTULO 3 - Sabiá sabe assobiar | 79 |
| <i>“Novamente eu retomo a fé”</i> | 80 |
| <i>“As vezes é um problema um gay na igreja”</i> | 82 |
| <i>“No HIV é outro luto”</i> | 84 |
| CONSIDERAÇÕES [QUE ESTÃO LONGE DE SER] FINAIS..... | 86 |
| REFERÊNCIAS..... | 94 |

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

| | |
|---|----|
| Ilustração 1 - Leque de Possibilidades | 18 |
| Ilustração 2 - Sabiá | 22 |
| Ilustração 3 - Ninho de Sabiá | 23 |
| Ilustração 4 - Sabiá abraçado por sua irmã e avó, junto de sua tia e os seus outros irmãos | 27 |
| Ilustração 5 - “Destino Cidade” | 29 |
| Ilustração 6 - Chico Marmota | 31 |
| Ilustração 7 - Primeira Eucaristia de Sabiá, 10 anos, em 1997 | 32 |
| Ilustração 8 - Projeto social do estado do Pará com a Igreja, 1998. | 37 |
| Ilustração 9 - “Chuva fina é que fertiliza” | 38 |
| Ilustração 10 - ? | 39 |
| Ilustração 11 - “Os vírus são uma má notícia embrulhados em uma capa de proteína” (Medawar, 1983). | 42 |
| Ilustração 12 - 1983, a Globo fala sobre o HIV | 43 |
| Ilustração 13 - O enigma que mata | 44 |
| Ilustração 14 - Representação Jornal 1 | 45 |
| Ilustração 15 - Representação Jornal 2 | 45 |
| Ilustração 16 - 1988, manifestação no Dia Mundial da Aids | 47 |
| Ilustração 17 - Cazuzza na Veja | 49 |
| Ilustração 18 - Coquetel | 51 |
| Ilustração 19 - Família biológica de Sabiá - pais, irmãs e irmão -, 2019 | 54 |
| Ilustração 20 - Círio de Nazaré, 2010 | 56 |
| Ilustração 21 - Protesto com a sociedade civil na luta contra a Aids, em 2012 | 58 |
| Ilustração 22 - Encontro de Adolescente e Jovem que vivem e convivem com HIV/Aids em Amazonas, 2014 | 59 |
| Ilustração 23 - Sabiá em sua formatura em 2016 | 61 |
| Ilustração 24 - Amigo e Sabiá, em sua profissão na OFS em 2017 | 62 |
| Ilustração 25 - Francisco e Jesus | 64 |
| Ilustração 26 - Profissão OFS, 2017 | 66 |
| Ilustração 27 - Aids Coalition to Unleash Power | 68 |
| Ilustração 28 - Sabiá e seu companheiro, 2023 | 71 |
| Ilustração 29 - “Espelho, espelho meu, que futuro será o meu?” | 73 |
| Ilustração 30 - Representação da bandeira LGBTQIAP+ | 76 |
| Ilustração 31 - Sabiá e amigos da Pastoral, 2012 | 77 |
| Ilustração 32 - Sabiá assobiando | 80 |
| Ilustração 33 - Leitura da profissão na OFS, 2017 | 82 |
| Ilustração 34 - Releitura de Sodoma e Gomorra | 84 |
| Ilustração 35 - A diferença entre nós | 91 |

INTRODUÇÃO

A epidemia de HIV/Aids continua sendo um dos desafios de saúde mais significativos enfrentados pela humanidade, visto que apesar de termos avançado muito cientificamente com os tratamentos e fabricação de medicamentos, ainda morrem mais de 500 mil pessoas por ano¹, devido a complicações relacionadas à Aids, por isso compreender a complexidade desse vírus, suas ramificações sociais, emocionais e culturais, é extremamente essencial para o desenvolvimento de estratégias eficazes de prevenção, tratamento e apoio.

Esta dissertação tem como objetivo narrar a história de um homem de 37 anos, que vive há mais de 13 anos com HIV, e embora entre um ato e outro haja um espaçamento de 30 anos, algumas problemáticas continuam as mesmas, o que outrora fora sofrido pelos primeiros a enfrentarem o vírus em 1980, também fora vivenciado por Sabiá anos depois, ainda que haja um notório avanço acerca de informações e medicamentos, questões psicossociais sobre o HIV/Aids, que estigmatizam aqueles que vivem e convivem com o vírus, ainda são atuais.

Sabiá², o homem de quem falo, foi um dos meus interlocutores do trabalho de conclusão de curso da graduação em Ciências Sociais em 2020 e foi ali, enquanto ele me contava sobre sua fé e sua vida, que me encatei por sua história e por sua pessoa. Sua vida me deixou tão maravilhada que no mestrado assim que meu projeto, que havia sido refeito, foi aprovado pelo meu orientador, marquei uma reunião com ele, feita por meio de uma ligação telefônica mesmo, contei minha ideia, mandei o projeto no e-mail dele e ele topou ser meu *muso*.

Esta tese não se trata de uma biografia, embora até superficialmente se pareça, é, na verdade, uma experimentação do que é proposto por James Clifford: uma interconexão entre ficção e realidade (2016). Sabiá me conta sua história em ligações de vídeo, em áudios de WhatsApp e até mesmo por mensagem, a medida em que se constrói uma confiança por meio de um contato quase que direto por meses afio, e através dessa história que me é contada, eu escrevo, como num *devoir* (Deleuze e Guattari, 1996), sua própria narrativa transforma-me e por meio desta é que transcrevo minhas percepções³ e interpretações daquilo me foi dito.

Diferente da biografia (Silva, 2019) que se trata de uma narrativa abrangente

¹ Fonte: <<https://unaid.org.br/estatisticas/>>. Acesso 05 de Junho de 2023.

² Nome fictício.

³ As divisões apresentadas, da história, são exemplo disso.

da vida de uma pessoa e da etnobiografia (Kofes e Manica, 2019) que incorpora principalmente perspectivas culturais e sociais, para a elaboração deste experimento e auxílio na construção da pesquisa, utilizo como método etnográfico a ideia de *biografema*, formulado por Roland Barthes (2003).

Esse conceito “diz respeito à complexificação e multiplicidade do sujeito” (Silva, p. 395, 2019) delineada por meio de uma anamnese fictícia (Barthes, 2003) em que vai se tecendo uma história – através da história de vida de Sabiá - de modo a ultrapassar uma noção binária da vida humana (Brum, 2023).

Talvez até possamos dizer que o antropólogo João Biehl, em seu livro *Vita: Life in a Zone of Social Abandonment* (2005), de alguma forma, traz a ideia de discurso biográfico (Barthes, 2003): ao fazer campo na casa terapêutica Vita, ele se depara com Catarina e narra sua história de vida, por meio do que ela conta - sem se fixar em uma dualidade do que é verídico e do que é fictício. O livro não se trata de uma biografia, mas a premissa da história torna-se Catarina, uma vez que, assim como Sabiá, sua existência possui diversos atravessamentos.

Em *Will to Live: Aids therapies and the Politics of Survival* (2007), Biehl traz diversos outros casos que entrecruzam-se, seja ou por viverem juntos na instituição Caasah ou por vivenciarem situações parecidas principalmente com o HIV/Aids. O assunto abordado neste livro é o HIV/Aids - as políticas por trás do vírus e a vivência das pessoas com ele - e inspirando-me, passa a ser também um dos principais assuntos abordados nesta dissertação, porém sem tratá-lo como um aparato farmacológico e sim assimilando seu atravessamento psicossocial na sociedade, através do estudo de um único indivíduo.

O antropólogo Didier Fassin, em *When bodies remember: experiences and politics of AIDS in South Africa* (2007), também parte de um norte semelhante a Biehl, oferece uma perspectiva complexa de indivíduos que convivem com HIV/Aids na África do Sul, das políticas que surgem para “assegurá-los” e das implicações sociais, e políticas, que afetam a vivência desses sujeitos. Além disso, apresenta o modo como as crenças são capazes de oferecer certos entendimentos sobre o HIV/Aids.

A série Pose, lançada em 2018 no canal FX⁴, também retrata a vivência de indivíduos com HIV, principalmente, de LGBTQIAP+. Como é um drama - fictício - que

⁴ Fonte: <<https://cinepop.com.br/pose-os-5-anos-de-uma-das-melhores-e-mais-importantes-series-do-seculo-401773/>>. Acesso 03 de Agosto de 2023.

ocorre entre os anos de 80 a 90, o surgimento do HIV/Aids é relatado, inclusive questões mais políticas, como o surgimento dos tratamentos e a falta de acesso público a eles, que culminou em inúmeras mortes, consideradas apenas como estatística⁵.

Para a construção da história de vida de Sabiá, me inspiro também em Beto Volpe, escritor de sua biografia *Morte e vida PositHIVa* (2016), que conta de um modo sério e cômico sua história com o HIV, suas vivências sociais e espirituais, as problemáticas que teve que enfrentar com seu adoecimento devido a complicações da Aids, os trabalhos que acabou por desenvolver e construir em São Vicente/SP através de suas experiências e de compreender a importância de falar e se manifestar sobre HIV, e sua vida para além disso: seus relacionamentos amorosos e sexuais, as amizades que se construíram numa sala de bate-papo na internet, o dia-a-dia com seus pais e até mesmo a morte de seu irmão. Com seu escrito Beto Volpe, de alguma forma, me orientou a como escrever sobre a vida, ainda que não fosse a minha.

Tomando os artigos, livros e até mesmo a série como incentivo e inspiração, utilizo o modo de entrevista em profundidade⁶, para a coleta de informações ricas e detalhadas, que possibilita ao interlocutor expressar suas experiências, opiniões e emoções, mais livremente. Além disso, a observação participante é um método utilizado para adentrar ao meio social do interlocutor, porém de um panorama virtual, possibilitando a captação de comportamentos, crenças e da perspectiva social, e até mesmo da escuta por meio das entrevistas.

Além desses métodos, o desenho cumpre um papel importante aqui: é utilizado como auxiliar para que seja possível **ver** (Causey, 2017) o que ouço, o que compreendo e o que interpreto, faz parte da minha própria perspectiva daquilo que Sabiá me mostra, inclusive suas próprias fotografias da infância, adolescência e juventude. Reportagens de jornais e matérias de revistas também ganham outra forma no papel por meio das minhas linhas - traçadas em papel pontilhado com uma caneta Fine Pen 0.4 preta e coloridas -, de modo a evidenciar o que mais me chama atenção e que se entrelaça a história de Sabiá.

⁵ Essa questão é muito bem retratada por volta da 3ª temporada, no 8º episódio, quando os membros do ACT UP (Aids Coalition to Unleash Power) protestam em prol do acesso público aos medicamentos, e jogam as cinzas de amigos e familiares, que morreram em decorrência de complicações da Aids, em frente a entrada da Prefeitura. Na cena, uma das ativistas coloca o corpo de seu filho que havia recém morrido, como um modo de dar nome, rosto e significado às mortes. Fonte: <<https://actupny.com>>. Acesso 03 de Agosto de 2023.

⁶ “menos estruturadas (...) mas com muito maior detalhamento” (Britten, p. 24, 2009).

Esses desenhos são feitos por meio da técnica utilizada na confecção de fanzines, não do modo exato como eram feitos mas muito me influenciam, uma vez que, apesar de surgirem nas primeiras décadas do século XX, em 1980 foram demasiadamente utilizadas para a disseminação de informações acerca da epidemia do HIV/Aids, como por grupos ativistas e movimentos sociais (Nascimento, 2017).

Por quê desenho?

O desenho, a pintura, sempre foram hobbies e paixões minhas, fazia aula de pintura a óleo quando criança, depois, um pouco mais velha, me interessei pela aquarela, ainda que isso não fosse o meu forte, algo que eu desempenhasse muitíssimo bem, esteve presente em mim até mesmo como uma forma terapêutica.

Neste espaço a etnografia se junta a noção de biografema e o desenho aparece como mais uma possibilidade aqui, longe de ser apenas uma teoria, mas o colocar em prática, aprimora minha visão e fortifica os músculos nesse treino de olhar (Oliveira, 2000) além do visível.

As linhas não são apenas uma forma de etnografar, mas faz parte do que a etnografia por causar, do que as histórias relatadas fazem nossa mente imaginar. Nem todo desenho aqui é uma amostra do que minha própria imaginação cria, mas uma representação, até mesmo uma perspectiva, do real.

Dizem por aí que o etnógrafo é um ótimo fofoqueiro, mas melhor do que apenas contar sobre algo é mostrar. O contar já causa inúmeros impactos, nos faz fabular (Deleuze, Guattari, 1997) o que se ouve, mas quando junto se apresenta uma foto, uma imagem, tudo se torna mais interessante: existe a realidade, a minha representação e a interpretação de quem vê. É bela a enorme quantidade de possibilidades que passam a existir aqui.

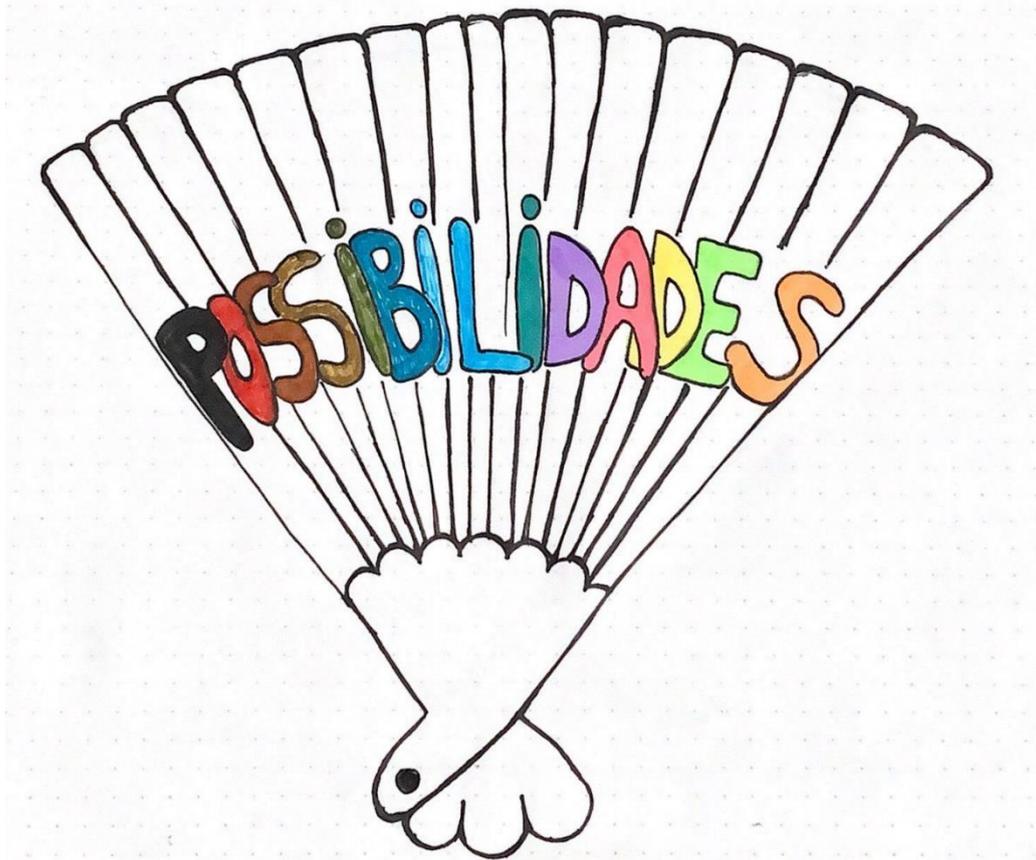


Ilustração 1 - Leque de Possibilidades

Fonte: Azevedo (2023)

Mas e o HIV? Por quê?

Por volta de 2021 começou uma tendência chamada Mosaico⁷ em um aplicativo de gravações de vídeos - TikTok -, no qual seus usuários gravavam pequenos vídeos, e vídeos um tanto quanto superficiais, a respeito de acontecimentos que ao ver deles faziam parte da construção de suas subjetividades, individualidades e afins.

Esses acontecimentos que tecem esses indivíduos eram baseados principalmente na forma como foram criados por seus pais, avós, tios; manias que pessoas próximas tinham e que influenciam seus comportamentos; histórias que haviam lido enquanto crianças/adolescentes; viagens, peças de teatro, filmes, qualquer forma de arte que pode de alguma forma transpassar alguém.

Os vídeos gravados não buscavam se aprofundar a respeito do que é a

⁷ De acordo com um dos significados apresentados no dicionário Michaelis (2021), Mosaico é uma forma figurativa de qualquer obra, seja intelectual ou manual, em que os diversos elementos que a compõe são distintos e justapostos.

subjetividade, nem mesmo falar sobre sua própria individualidade e como isso pode se relacionar com a individualidade alheia, afinal são vídeos que servem como entretenimento em uma rede social, para que outras pessoas assistam e queiram compartilhar também suas vivências, gerando ainda mais entretenimento.

E por qual motivo estou eu falando sobre uma tendência em uma rede social que nada tem a ver com o meu tema de pesquisa? Quando comecei a ver esses vídeos, inicialmente como forma de me entreter, também comecei a pensar a respeito do meu próprio mosaico, quais eram as peças que completavam o quebra-cabeça que sou.

Cada peça desse quebra-cabeça diz respeito às influências às quais fui exposta durante minha criação com meus avós, pais, primos, tios, e outros parentes, além de amigos da família, da escola e da igreja. Mas também além da minha criação: as formas artísticas a que fui exposta e até mesmo as que não fui, seja novelas, filmes, desenhos, pinturas, gibis, livros, bíblias...

Talvez, e não só apenas talvez, mas quase como certo absoluto, eu ainda sequer saiba e conheça cada peça que me forma, mas essa ideia de ser constituída por diferentes peças provindas de diferentes lugares, coisas, pessoas, me faz pensar também a respeito da minha pesquisa e o que me levou a escolher esse tema.

É claro que esse tema vem das minhas iniciações científicas na graduação de Ciências Sociais, mas há uma peça anterior a essas iniciações que me fez querer pesquisá-las, porém acredito que seja ainda uma peça desconhecida, ou não totalmente conhecida. Pode ser porque cresci em uma família materna que professa uma fé cristã protestante e também porque durante certo tempo na adolescência quis fazer medicina, por achar que esse era o único meio para contribuir com algo na sociedade.

Ainda que a religião e saúde sejam algo explicitamente presentes neste quebra-cabeça, por qual motivo a história do HIV também me interessa? Bom, acho que essa é uma das peças desconhecidas por aqui ainda, mas recentemente encontrei uma rede social que tive há anos, parecida com o *Formspring*, você recebe perguntas e as responde, com a possibilidade de poder responder em vídeo ou apenas com imagens também.

Achando essa minha conta abandonada nessa rede social, comecei a reler as respostas de algumas perguntas e *scrolling down* infinitamente me deparei com uma pergunta que, parafraseando, me questionava a respeito da possibilidade de me

relacionar com alguém que convive com HIV. Achei interessante o questionamento, mas me espantei com a minha resposta, a ponto de apagá-la.

Na época em que utilizava essa rede social e que respondi essa pergunta eu era apenas uma adolescente desinformada, mas que apesar de utilizar um tom empático, tentando não ofender ninguém com aquela resposta, me fez revisitar estigmas nutridos por desinformação, afinal, nunca havia pesquisado sobre o assunto, nem lido nada a respeito, apenas estava a mercê da opinião alheia, opinião essa totalmente desinformativa e mistificadora.

Às vezes penso que algumas coisas apenas são exatamente como deveriam ser, talvez nada disso possa, de fato, ser uma influência para o que hoje tornou-se minha paixão, eu sequer me lembrava que já haviam me questionado sobre, tudo pode ser apenas uma simples coincidência.

Essa paixão nasce na primeira iniciação científica na graduação, de alguma forma essa primeira pesquisa mexe com algo dentro do meu ser e eu deixo de me sentir perdida no mundo das Ciências Sociais e sinto que – finalmente – encontrei meu caminho, e desde 2019 sigo trilhando-o.

Contudo, um pouco diferente do que desenvolvi nas pesquisas por meio da iniciação científica, essa dissertação falará sobre a vida de um indivíduo que convive com o HIV já há alguns anos, e que é transpassado por questões que vão muito além de sua soropositividade.

O que pretendo é contar sobre as pecinhas do quebra-cabeça de Sabiá, sobre o que ele mesmo conta daquilo que o constitui enquanto sujeito, ser social, religioso, bissexual, negro nortista, ativista soropositivo, e para além disso, deixar ele contar sobre sua vida, sua criação, seu amor pela música, pela caridade e por tudo aquilo lhe atravessa.

Sabiá é um sujeito que se estabelece muito além do que se espera ou imagina, é um quebra-cabeça de mais de um milhão de peças, é impossível terminar, mas a medida em que vamos colocando as pecinhas no lugar, vamos nos surpreendendo com uma imagem que vai se formando e crescendo, sem fim.

Sua vida é como uma cartilha informativa de como viver, com ou sem HIV, não mostra apenas a outra face do que é conviver com HIV, mas a outra face para se viver em meio a uma sociedade que sequer faz questão de sua existência e é por isso que o escolhi, e que por meio dele essa pesquisa me encanta ainda mais.

Eu não sei se minha trajetória e as pessoas que apareceram por esse caminho

fazem parte de uma grande coincidência de fato, o que eu sei é que, de alguma forma, quero colaborar para a disseminação de informações e prevenção – de forma consciente e sem pânico moral - e desestigmatização da vivência positiva.

CAPÍTULO 1 - Sabia que o Sabiá sabia assobiar?

“Um exímio cantor!”



Ilustração 2 - Sabiá

Fonte: Azevedo (2023)

Quando questionei Sabiá o motivo pelo qual queria ser identificado como tal, ele me respondeu que era porque o passáero sabiá é “Um exímio cantor!”, fazendo uma referência ao fato de também ser um (ótimo) cantor.

Em tupi-guarani, Sabiá significa “aquele que reza muito” e conhecendo um pouco sobre a vida e a trajetória do meu interlocutor, diria que esse nome muito o

representa, não conheço alguém que professe a fé de maneira tão bonita como ele, e tampouco alguém que se dedique a obra do evangelho como ele. É justamente esse pássaro, que muito reza e belamente canta, que será apresentado nas milhares de linhas escritas abaixo.

A INFÂNCIA

“Então eu cresci nesse berço, nessa escola...”



Ilustração 3 - Ninho⁸ de Sabiá

Fonte: Azevedo (2023)

Ele nasceu lá em Belém do Pará no dia 07 de abril de 1986, do signo de Áries do segundo decanato. O que isso significa? Também não sei lhe dizer, mas de acordo

⁸ Da mesma forma que o ninho é “berço” dos ovos que estão a chocar, também servem como “escola”, onde os pequenos passáros são alimentados pela mãe e ensinados a voar.

com ele, ele é muito ariano, e bem... As pessoas, místicas e astrólogas que já vi e li por aí, se referem aos arianos como “satanários”, de modo a exemplificarem a genialidade desses sujeitos. Mas, até mesmo quando Sabiá me falou sobre, eu não acreditei, pois sempre me pareceu um doce de pessoa, e é óbvio que ele se justificou com seu ascendente: “meu ascendente é Peixes (...), por isso eu sou bobo, chorão, emotivo”.

Bom... Quando Sabiá nasceu, havia seis anos do primeiro diagnóstico oficial de HIV/Aids nos Estados Unidos, e apenas três anos no Brasil. Seu nascimento e a disseminação da infecção estão bem próximos, mas evidentemente estava longe da sua vida, do seu dia-a-dia, e tampouco seria possível imaginar o futuro, apenas em 2010 que o caminho de ambos se cruzam.

Sabiá vem de uma família humilde, como muitas outras do interior brasileiro, é o caçula entre três irmãos, sendo duas mulheres e um homem. Morou durante um tempo com sua mãe, seu pai e seus irmãos, mas parte da sua infância se dá ao lado de seus avós maternos, na região de Guamá, principalmente devido aos problemas conjugais de seus pais.

Eu fiquei com a minha avó, assim... Um ano, dois anos, entre três e quatro [anos de idade].. E nossa relação era muito gostosa, né, entre avó e neto, tanto pro idoso, né, que ganha um vigor com a criança, e a criança formando seu senso de proteção, de justiça, de organização de casa, né, a relação de responsabilidade mútua, de obediência. Eu lembro de coisas muito simples, por exemplo, dormir depois do almoço, para a minha avó era sagrado, e pra mim não, né, eu era uma criança de quatro, cinco anos.

Nessa primeira infância, que vai até os sete anos de idade, Sabiá começa a ter uma mínima noção sobre o que mais tarde viria a ser de grande importância, principalmente a respeito de crença e fé. A família materna de Sabiá é toda católica, e seu pai nunca possuiu uma religião exata, mas, sobretudo, sua avó era devota de Santa Isabel da Hungria, onde participava fervorosamente de uma comunidade levando seu neto consigo.

(...) minha ‘vó’ me levava pra igreja (...), daí com 7 anos eu ingressei em uma comunidade da Santa Isabel da Hungria, fiz minha primeira eucaristia, ingressei na parte do campo [missionário]. (...) Na igreja eu participei da música, participei de movimentos sociais (...).

Foi-se criando o hábito de rezar o Pai Nosso, de pedir bênção aos mais velhos, costumes de valor cristão foram sendo adotados por Sabiá por meio de sua família no

seu dia-a-dia, a fé vai se construindo como uma herança familiar, “a gente aprende que existe um Deus desde criança”.

Ainda que seu pai não tivesse esse lado religioso e cultivo de fé, a veia artística que pulsava fortemente em seu ser, foi passada aos filhos. Na época em que Sabiá cresceu ao lado dos seus pais, o canto e o violão sempre se fizeram presentes, tornando-se paixão dos filhos e inclusive se transformando em profissão do irmão de Sabiá, que se formou em professor de música.

De fato, o pai de Sabiá era um artista, um homem com uma sensibilidade inigualável, e tranquilo, talvez até demais, chegando a não se importar com o amanhã, “(...) se hoje tem, ótimo! Se amanhã não ‘tem’... paciência”.

Sabiá, por ser o caçula dos irmãos, tem na memória pouquíssimas coisas sobre o pai, todo resto vai sendo recriado conforme aquilo que os próprios irmãos contam, como quando o pai bebia “ele compunha, (...) cantava (...), ficava super brincalhão” e essas situações representavam certo afeto aos filhos.

Mas, na verdade, a vertente musical foi praticamente a única coisa deixada pelo seu pai, alcohólatra, acabou por se “*perder no meio do caminho*” e ausentou-se dos filhos, da criação deles e de sua família.

O avô, materno e aquele que auxiliou em sua criação, foi a figura paterna que não teve, ainda que um homem muito rude e bruto, demonstrava carinho da forma como lhe competia:

Meu avô também né, já um pouco mais rabugento. O vovô apesar de ser um homem muito dócil, muito carinhoso do jeito dele, ele reclamava muito, aquele homem que reclama, reclama, mas fazia. Se tu pedisse, assim, pra ele um real, ele ia brigar, brigar, mas ele ia dar. No fundo, no fundo, um coração mole.

Embora fosse um homem muito sério e conservador, teve um papel importantíssimo quando a mãe de Sabiá se viu sozinha, ainda grávida dele, com dois filhos e tendo que lidar com conflitos conjugais gerados pelo alcoolismo do marido, então seu avô vendo a situação foi “*láaaaaa no interior (...) do Pará, bem distante, na Ilha do Marajó*” e a buscou, dando um novo lar a sua filha e seus netos, fortalecendo, assim, uma conexão outrora existente entre eles.

Essa primeira infância de Sabiá é cercada de desavenças, mas também de aprendizados, especialmente sobre caridade e ensinamentos dos mais velhos:

(...) minha avó idosa, meu avô idoso, com toda sua caridade, mas também com seus limites, né. Eu lembro dessas relações que chegavam até mim como já falei, né: o vovô era disciplinar, ele acordava cedo, fazia café. Então ele trazia pra gente valores como: Deus ajuda quem cedo madruga; barriga

cheia não é fartura “Não pensem que [porque] vocês estão com a barriga cheia que isso é fartura; beleza não bota a mesa; pavulagem⁹ não é riqueza.

Os irmãos, por serem maiores, são aqueles que possuem as maiores lembranças sobre essas ocasiões, e Sabiá enquanto caçula foi aquele que mais foi cuidado, não só pelos avós, mas inclusive pelos irmãos, que além de o ensinar, também defendiam-no de certas brigas.

Na rua me chamavam de *viadinho* e afins, e eu sofria com isso porque eu sentia que as pessoas usavam disso pra menosprezar, e eu tenho memória do meu irmão me defendendo... No jogo de futebol me chamavam de *viadinho* e meu irmão me defendia.

⁹ “Pavulagem é uma expressão. É aquela pessoa que é cheia de dedos, muito fresca, sabe? Muito cheia de “Ah não! Vô comer camarão, mas tenho que pegar [e] tenho que tirar a casca, mesmo?”



Ilustração 4 - Sabiá abraçado por sua irmã e avó, junto de sua tia e os seus outros irmãos

Fonte: Acervo de Sabiá, representado por Azevedo (2023).

A irmã mais velha não era filha biológica do pai de Sabiá, foi quem, em certo momento, a criou e a registrou. Por ser a primeira filha, tinha um zelo gigantesco pelo caçula, ajudando em seus estudos, no cuidado diário, e até dando aulas escolares para ensinar que “antes de P e B se escreve M!”.

Ensinou também atividades mais artísticas, como a dança. Ela não era a filha do mesmo pai que os demais, o canto não era seu forte, mas a dança estava sempre nas pontas dos pés, do mesmo jeito que ensinou Sabiá a dançar,

(...) até hoje eu danço nas pontas dos pés às vezes, porque as mulheres, vamos dizer, a tendência, né, é dançar de ponte de pé por conta do salto, né,

pra ficar mais alta né, com o parceiro, essas coisas... E aí, eu me via reproduzindo essa postura na dança.

A irmã do meio, de pai e mãe, também se colocava em uma posição de cuidado para com Sabiá, entretanto não esteve junto em toda a infância, pois ao contrário de Sabiá, ela ficou com a avó paterna, e devido a isso houve certo distanciamento entre os dois, o encontro ocorria nas épocas festivas, quando toda família também se encontrava. Essa reunião entre eles fez nascer uma tradição, todo ano dia oito de dezembro, dia da Nossa Senhora da Imaculada Conceição, todos se reúnem para celebrar essa data, que tornou-se especial para eles.

Já a relação com o irmão, mais próximo de Sabiá devido a idade, se baseava em “*brincadeiras de lutinha*”. Nessas brincadeiras quem batia melhor ganhava um real de seu tio, e então, visando ganhar a aposta do tio, brigavam, porém, por ser o caçula, Sabiá passava a ser tratado como “café com leite”, e o irmão o deixava ganhar.

Esse cuidado por parte do irmão ia além, a medida em que, pela ausência do pai, acabou por desenvolver um senso de responsabilidade, ainda que com uma boa intenção, dispunha da vontade de estar no comando, como o “*homem da casa*”.

(...) ele depois, assim, de adulto lá pelos seus 20, 25 anos, reproduzia uma fala: “Eu sou o primogênito, sou o primeiro homem da família, vocês tem que me respeitar!”. (...) essa disputa de poder na ausência dos pais, eu lembro disso já na adolescência, que isso era bem marcado né, enfim... Acho que adolescentes, né, libido, sei lá, não sei, tanta coisa ali acontecendo e enfim... Mas eu acho que é natural das relações humanas, essa disputa de poder né.

Nessa época, entre infância e adolescência, a vida foi se criando no interior: uma hora em Oeiras, outrora em Currealinho, ambos próximos a Marajó; e à medida em que cresciam alguns eram mandados a Belém que, por ser a capital do Pará, era designada como *cidade*. Esse hábito de chamar a capital, ou os centros do municípios de cidade se perpetuava entre os mais velhos, e talvez alguns até hoje se referem assim - até mesmo minha avó, que não mora na zona rural, se refere ao centro do nosso município como *cidade*.

Então, dada certa idade, os familiares iam a *cidade*, principalmente os tios de Sabiá, para trabalhar em *casas de família* - que não necessariamente eram da mesma família deles, mas eram caracterizadas dessa forma por serem mais abastadas e incorporarem a ideia da família tradicional brasileira, porém os familiares mais velhos que possuíam uma condição de vida melhor, também empregavam seus parentes, como forma de “partilhar as responsabilidades e o lucro”.

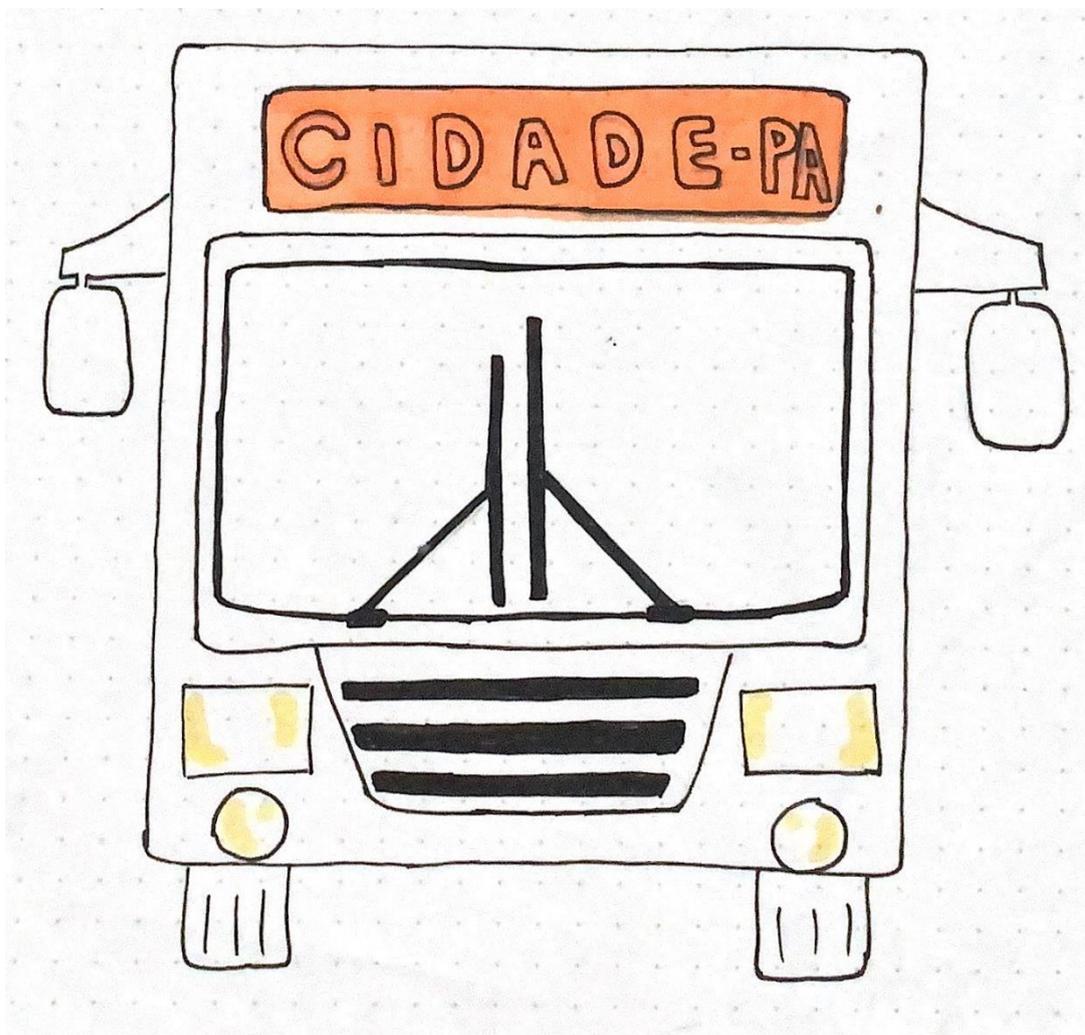


Ilustração 5 - "Destino Cidade"

Fonte: Azevedo (2023)

Esse tipo de cooperação era muito presente na família de Sabiá, a ponto de que seus primos, aproximadamente dez deles, moravam todos juntos na casa de seus avós, ainda que a casa só houvesse cinco cômodos,

(...) tinha gente dormindo em todos os compartimentos, exceto banheiro. Eram três na sala, dois no corredor, sabe, na cozinha, tinha gente dormindo em todo canto da casa. Aqueles parentes que vem fazer prova na cidade, que vem fazer cirurgia, ou que vem passar um tempo mesmo na cidade. Eu lembro que muitos primos... Assim teve uma prima minha que foi expulsa de casa, porque engravidou, ficou lá na casa da vovó um bom tempo, uns seis meses até baixar a poeira. Depois uma outra prima que veio no interior para trabalhar na cidade, não conseguia emprego, ficou morando lá conosco.

Essas memórias de Sabiá refletem no que ele entendia e entende como caridade, marca muito especial no cultivo de sua espiritualidade, "(...) *acolher o*

estrangeiro, o órfão, o peregrino... É muito bonito, sabe. Então eu cresci nesse berço, nessa escola, sabe, de alguma forma também muito justa, a minha família também sempre teve muito esse valor de disciplina (...)”.

Também havia situações mais efêmeras do dia-a-dia, como pegar uns reais da carteira dos pais ou dos avós, para comprar um doce ou outro, mesmo que não fosse muito, a disciplina era levada muito a sério ali, de algum modo as punições ocorriam, nem sempre físicas, às vezes um pequeno sermão dado pela mãe era suficiente: “(...) olha não pode, é errado!”.

Nessa época da infância a maioria das relações se mantinham dentro do núcleo familiar, a necessidade ou vontade que fosse, de ter relações fora desse aspecto, era suprida pela quantidade de irmãos e primos, que estavam sempre presentes.

(...) amigo de infância nesse contexto não tem, assim... Não consigo lembrar. Até os meus sete anos não tem essa relação de amizade, mas, assim, eu tinha três irmãos, pelo amor de Deus, um monte de primo, que de vez em quando a gente se encontrava e era uma confusão em casa, uma gritaria. Acho que, então, isso supria de alguma forma essas [faltas das] relações.

A ADOLESCÊNCIA

“Pera lá... O quê eu sou mesmo?”



Ilustração 6 - Chico Marmota

Fonte: Azevedo (2023)

Chico Marmota ou Sabiá? Da infância para a adolescência a mudança não ocorre apenas no físico, mas no psicológico, talvez seja até a principal mudança que ocorra no indivíduo: a coragem nasce, o social se desenvolve, e o enxergar o outro inicia-se; e nessa transição, de uma fase para outra, a personalidade vai se modulando junto.

(...) fui me tornando um adolescente corajoso, né. (...) sempre fui muito social, a minha personalidade desde cedo ela se mostrava expansiva né, um pouco teimoso, em que eu me propunha, defendia minhas opiniões em casa também, mantive sempre essa agitação, menino peralta, criativo (...).

A criatividade se tornou uma das suas principais marcas, Chico Marmota, nome dado pelos colegas a seu lado inventivo, fazia miçangas, criava coisas, cantava, dançava, utilizava esse seu lado, inclusive, na igreja, aumentando seu laço com a fé e com a ideia de servir e é a partir dessas nuances, que Sabiá vai se formando, se entendendo, e se conectando consigo mesmo dentro da sociedade: “a minha relação com a sociedade, seja na rua, seja na igreja, [o que] eu tinha de certa forma ali, fui descobrindo meu lugar”.

A igreja foi muito importante nesse caminho de descoberta, além das práticas espirituais a junção de elementos, como a cultura e educação, promoveram uma espécie de autoconhecimento para Sabiá, de modo que aos poucos ia se conectando a algo, a algum significado¹⁰.



Ilustração 7 - Primeira Eucaristia¹¹ de Sabiá, 10 anos, em 1997

Fonte: Acervo de Sabiá, reprodução por Azevedo (2023)

¹⁰ Atualmente Sabiá elabora uma reflexão mais profunda sobre esse momento de sua vida dentro da igreja: “Um adolescente [que] está extremamente vulnerável ao que é dito ou que é imposto, [a igreja] é uma instituição milenar. Essa aqui é uma questão bem delicada, porque se a família, que é responsável, não intervir em certas situações, tem todo um problema, problemas graves inclusive.”

¹¹ “É um rito sacramental na Igreja Católica, (...) tem umas espécies de aulas (...) tem vários sacramentos.”

Esse autoconhecimento passa pelas experiências e peripécias que ocorrem na adolescência, época em que a puberdade se inicia, os hormônios ficam à flor da pele, a libido - talvez algo nunca sentido antes com tanta potência - começa a interferir nos pensamentos e nas ações.

(...) eu experimentei a masturbação na rua com os colegas, essas exposições e erotização foi muito cedo. Eu me lembro que a gente se reunia não só pra brincar, mas essas curiosidades dos meninos, das meninas, [falávamos] de sexo, via revista pornô escondido, via filme pornô... Eu vi filme pornô na rua, terrível! Coisas assim na rua. Em casa Deus o livre falar disso.

Através dessas experiências, surgem as primeiras noções de autoestima, e como a adolescência pode ser boa tanto quanto ruim, devido a bomba de hormônios que corre pelos corpos, Sabiá também passou a se enxergar, até certo momento, como um adolescente feio, as espinhas - normais para a época, as cicatrizes que outrora fizera, tomaram uma proporção maior e passaram a interferir na beleza que para ele não existia em si.

Não me considerava um adolescente bonito. Tinha muitas espinhas no rosto, e eu tinha, na minha infância, um cisto na raiz do meu canino, não sei como. Primeiro que eu tinha muitas espinhas e desenvolveram duas vezes, eu tive espinha carnal, nem sei como está isso aí pela minha epiderme, mas terrível. Uma vez estourou, meu rosto ficou inchadíssimo. Teve um fato da minha infância que eu acho importante narrar, que eu queimei a perna brincando com meu irmão. Então eu tive uma queimadura de álcool, álcool e fogo, de terceiro grau, em toda a minha perna, do calcanhar até um palmo acima do joelho ficou queimado, carne viva mesmo. A gente brincando em casa, sábado de manhã, mamãe se arrumando pra trabalhar, tipo sete da manhã e eu e meu irmão brincando de jogar o álcool, riscar o fósforo e jogar no chão, [surgia] aquela chama azul. A gente tinha por volta de sete a oito anos. A gente foi fazer na sala que era azulejo, aí depois a gente foi pro quarto na vovó: "bora fazer aqui!". Tentamos na madeira, nisso pelo que narram, eu não lembro muito bem, no ato de jogar o álcool, espirrou na minha perna, né, o álcool, eu nem senti, e quando meu irmão jogou o fósforo o fogo pulou, e foi terrível (...) eu saí correndo, pela casa, em chamas.

Essas situações dão margem para as experiências de bullying, o qual faziam Sabiá se sentir, e de alguma forma também se tornar, um *outsider* (Becker, 2008) na visão de outrem:

Na escola me chamavam de perna de churrasco, né, e era uma confusão... Eu chorava, não sabia me defender. Aos poucos eu fui desenvolvendo essa defesa, e briga? Nunca fui de brigar muito, eu procurava correr, mas pelo menos se alguém me xingasse na escola eu me defendia, eu me rebelava, isso é muito importante, né? Então isso marca muito minha vida, enquanto negro, era na periferia, enquanto gay e também enquanto uma pessoa pobre.

As marcações sociais tornam-se mais presentes e se estabelecem no seu dia-a-dia e nas relações diárias que colocam Sabiá como um desviante (Idem) justamente por não ser e agir de acordo com o que se esperava dele.

Amizades além das que mantinha com seus irmãos e primos surgem, principalmente, com vizinhos. Uma amizade em especial era com duas vizinhas que eram irmãs, uma era mais próxima, e a outra se tornara um afeto, sem que saísse dos sentimentos platônicos. Essa proximidade era tanta, que nas férias viajavam juntos a um balneário, próximo a região metropolitana de onde moravam, passavam dias, semanas, meses juntos.

Essa afinidade com outras pessoas, além de seus familiares, o fazia enxergar outros modos de se viver e se portar: o rosto poderia não ser dos melhores, ao seu ver, mas o corpo o ajudava a manter uma boa aparência, provido da genética boa de seu pai e sua mãe, pouco a pouco entendeu-se mais vaidoso, passou a se cuidar, a se sentir bem consigo mesmo e a descobrir seus próprios potenciais.

(...) de fato eu me preocupava com essa estética de esporte, jogava vôlei, corria, fazia ginástica, definia abdômen, corpo, braço, agora nem tanto, mas eu tinha esse cuidado com a saúde, né. Então eu acho que, de certa forma, eu sempre fui um pouco vaidoso, de me cuidar, de me sentir bem comigo mesmo, e aos poucos eu fui descobrindo meus potenciais.

Entretanto, algumas características precisavam de mais do que apenas fazer atividades físicas, como o problema em um de seus caninos: criou-se um cisto, precisando realizar um tratamento que se iniciou aos sete anos de idade e foi deixado de lado, inacabado, aos 30 anos.

Eu lembro que, na adolescência, a gente tinha uma negócio de diário, era um caderninho que os amigos faziam, tipo: qual seu nome, o que você mais gosta, qual seu hobbie, qual a parte do corpo que mais gosta, o que menos gosta, essas coisas, e eu preenchia. E eu lembro que uma parte dessas perguntas era qual parte do corpo você menos gosta e eu disse "o sorriso", aí eu vou chegar na diastema, gerou uma... Tive um cisto com 7, 8 anos, e nossa foi um tratamento muito chato até os 25, 30 anos eu tava tratando dessa boca, ainda preciso de tratamento, mas eu me cansei, (...) e aí o que que aconteceu eu tive esse cisto não sei porque, aí tratou, tratou, perdi o canino, tive que tirar, então ficou [assim]: os dentes foram entornando, e a diastema foi nascendo e aí foi terrível pra mim, imagina, né... Então eu tinha essa autoestima meio abalada por conta do sorriso, não tinha recursos da época (...).

Contudo mesmo não se encaixando em um padrão de beleza, Sabiá conta que teve três namoradas,

mas [era] namoro bobo, né, namoro de adolescência, de beijinho, aquela aventura, imagina, né, erotizado desde cedo, queria ter alguém, abraçar, beijar. Aqui no Pará nós somos muito físicos, nós falamos pegando nas

peessoas, a gente gosta de abraçar, é bem diferente do Sul, aqui a gente traz pra casa, nem conhece direito, traz pra casa, já partilha, já come a mesa. A gente traz essa essência, essa ancestralidade, de se reconhecer no outro e pronto, então a gente gosta muito do toque, eu sou muito afetivo também. (...) então a minha primeira namoradina (...) a gente namorou um tempinho, um ano mais ou menos. Aí eu namorava escondido, corria do pai dela, era uma confusão. Depois teve (...) [uma que] se encantou por mim, não sei porque, mas não beijava bem, não conversava bem, me aborreceu e eu [disse] “Não quero mais”. Com a [primeira] eu amava [ela], meu Deus do céu, mas ela era mais sacana do que eu, além de mim ela já tinha mais um outro, mais um outro... Era muito danadinha, e aí, sei lá, acho que ela terminou comigo, e ainda fiquei por ali mendigando. Aí, a irmã dela ficou comigo, não sei se por pena, aí ficamos mais um tempinho também, mas aí não era amor, era só enfim, vingança, essas coisas, mas não transei com nenhuma mulher, não tenho essa experiência *ainda*. Era mais beijo, mas sempre tive muito desejo e atração, sabe. E depois já com uns 17, 17 pra 18 [anos], eu conheci (...) [outra], aí também foi outro amorzinho e aí nossa... E aí com menos de um ano ela viajou, ela precisou viajar pra casa dos pais, ela morava com os tios, e aí perdi o contato. Aí, tinha outras por aí, né, mas assim, então, de alguma forma, algo atraía as mulheres. E *homem nem pensar*, né, nessa época, apesar de certa forma me senti atraído por alguém [homem], mas era logo *reprimido*. (*grifo meu*).

Parte desses sentimentos, da sexualidade, corroboram para atos performativos, seja para experimentar novos estilos, ideias, vontades, ou como uma busca de se entender como um indivíduo pertencente a algo:

Eu lembro uma vez na adolescência... Meu Deus terrível isso... Eu vesti o sapato de minha mãe... Sapato, sutiã, acho que me pinteí, não sei, e a mamãe tava chegando e daí os irmãos: “Ô mãe, o Sabiá tava (...) vestindo roupa de menina”. Mas não sei se apanhei, não me lembro, só sei que a *coisa* vinha à tona, entendeu, tava aí. De vez em quando, eu lembro das minhas vizinhas bem do ladinho da casa, eu ia pra casa delas, ficava mexendo no cabelo, fazendo tranças, essas coisas, e os outros deixam entendeu, mesmo os adultos conversarem, tentarem trabalhar com isso de forma canalizada, não, deixam muito solto, e de fato a gente acaba criando uns trejeitos mais femininos por conta da convivência, e de certa forma isso afeta a masculinidade da gente e essa auto percepção: “Pera lá... O que eu sou mesmo? Eu sou homem? Eu sou menina? Eu sou mulher? Que papel a sociedade espera de mim, desse corpo?”. Isso é um conflito muito grande, e isso esteve muito presente na minha adolescência, né, e de certa forma essa autoconsciência é fruto também do que os outros me diziam (...).

As descobertas sexuais também tornam-se mais intensivas, principalmente junto com os amigos, no famoso “troca-troca”¹²:

(...) na descoberta eu aprendi que é normal que os homens se toquem, que os homens se aproximem, até façam sexo anal. É... eu lembro dessa, dessa experienciuzinha, não consigo lembrar se eu fiz isso, mas eu lembro da gente nu, é isso que eu lembro. Mas tinha um menino mais próximo a mim... Mas a gente não se envolveu, isso não me recordo. Mas que dessa adolescência de 11 anos, a partir dos 11 anos, eu lembro que eu já ejaculava, já tinha pelos pubianos, desse erotismo, né, eu lembro disso... Da gente se masturbando,

¹² Na gramática das relações entre o mesmo sexo, fazia referência ao revezamento na posição “ativo” e “passivo” entre parceiros sexuais, mais comum entre jovens na fase da puberdade e da adolescências. (Silva, 2017).

ensaiando até de contratar uma prostituta, terrível, eu fico “meu Deus do céu”. Pior que eu acho que os adolescentes fazem isso, desejo da descoberta, de completar 15 anos, do menino, que o pai paga, leva no puteiro, que coisa triste gente. Mas enfim né... então eu lembro disso.

Em meio a essas descobertas sexuais, Sabiá também se descobria na música, começou a participar de um projeto musical, onde compunha músicas e poemas, organizava eventos, participava de corais e até mesmo tocava alguns instrumentos. Porém, o que continuava a preocupar sua família era o fato de que Sabiá continuava a ter mais proximidade com as meninas, contudo não de uma perspectiva de desejo, mas de afinidades, que ia moldando seus jeitos e trejeitos.

Anteriormente, essa afinidade havia sido motivo de sua expulsão de um dos corais, agora havia se tornado um motivo de “chacota” com os sermões de seu professor, “o meu professor era evangelico ele brigava comigo: “tu não pode ser viado, tem que gostar de mulher”. Até que o projeto chegou ao fim, e Sabiá acabou por mudar para a Matriz da igreja, em um bairro mais central.

Nessa Matriz, chamada Paróquia dos Capuchinhos, chegou a coordenar um movimento de música - Ministério de Música Geração Franciscana -, teve contato com técnicas vocais, retiros musicais, desempenhando atividades mais intensas na igreja, e posturas de cuidado, tanto com as atividades desempenhadas, quanto com o *outro*. Ali na Paróquia, sua concepção do *outro* se estabelece dentro de uma perspectiva fraternal, que não o afasta, mas se aproxima mais perto.

“Quem quer que ele seja, o Outro-ao-meu-lado não é nunca um “outro qualquer”. Não é um mero “vizinho de banco” e não é um “desconhecido”, apenas porque Eu ainda não o conheço. Ele não é, sobretudo, um “ninguém”, como se, estando ao meu lado, ao meu lado eu não visse ali uma certa “pessoa alguma”. (...) o Outro-ao-meu-lado não pode me ser um alheio. (...) Diferente de mim, o Outro-ao-meu-lado é uma pessoa como Eu. Uma pessoa que por um breve momento, ou por um longo tempo, a vida escolheu estar onde está agora: ao-meu-lado, aqui.” (Brandão, 2018).



Ilustração 8 - Projeto social do estado do Pará com a Igreja, 1998.

Fonte: Acervo de Sabiá, representação por Azevedo (2023).

Na Paróquia, Sabiá também pôde aprofundar sua fé, conhecer as propostas de São Francisco, a quem é devoto atualmente, estudar a doutrina, criando uma relação de fraternidade com seus irmãos¹³, e também conhecendo novos traços de sua personalidade: alguém voltado a liderar pessoas, proativo e até um pouco autoritário. Ali, criou-se laços que outrora não existiam: enquanto mais jovem era quase inexistente as amizades, na transição da adolescência para a juventude, a devoção possibilitou novas amizades e novos amores. Também foi uma época para exercitar o carisma e a benevolência, que lhes fora ensinados ainda no berço:

¹³ Sabiá possui uma noção de família que considera ser uma concepção mais moderna, pois abrange não apenas aqueles que foram designados de acordo com um traço biológico, sanguíneo, mas também todos os outros que de alguma maneira fazem parte de sua vida e que nutre certo carinho e amor, principalmente aqueles que constituem sua “família de fé”.

(...) às vezes tem umas pessoas que perguntam, né: “Porque tu fazes caridade?”, eu acho que o bem não se paga. Nem sempre a gente consegue retribuir para a pessoa que nos presenteou, por isso eu acho que a gente deve fazer o bem sem olhar a quem. O bem é uma corrente que tem que circular! Eu recebi tanto bem, tanto carinho... Se hoje em dia eu to bem, eu to vivo, é porque tantas vidas, tantas mãos passaram por mim, me acolheram, me abraçaram, e eu acho que não posso agir de outra forma a não ser devolver na medida em que eu puder.

Essa personalidade mais impositiva possibilita a Sabiá a quebra de paradigmas por onde passa, ser chamado de subversivo, de forma pejorativa como alguém que é teimoso, torna-se um adjetivo positivo, como alguém que veio da periferia e cresceu em meio a pobreza, ter esse lado insurgente, que se sobressai, é uma maneira de se colocar em lugares que dantes era inimaginável.

É claro que até hoje eu escuto dos amigos mais próximos, mais experientes: “Francisco, calma! Chuva fina é que fertiliza”. Isso é muito bonito de ouvir e de sempre levar. Persistência, seja firme, resistência, não desista.



Ilustração 9 - “Chuva fina é que fertiliza”

Fonte: Azevedo (2023)

A JUVENTUDE

“E agora, o quê vou fazer?”

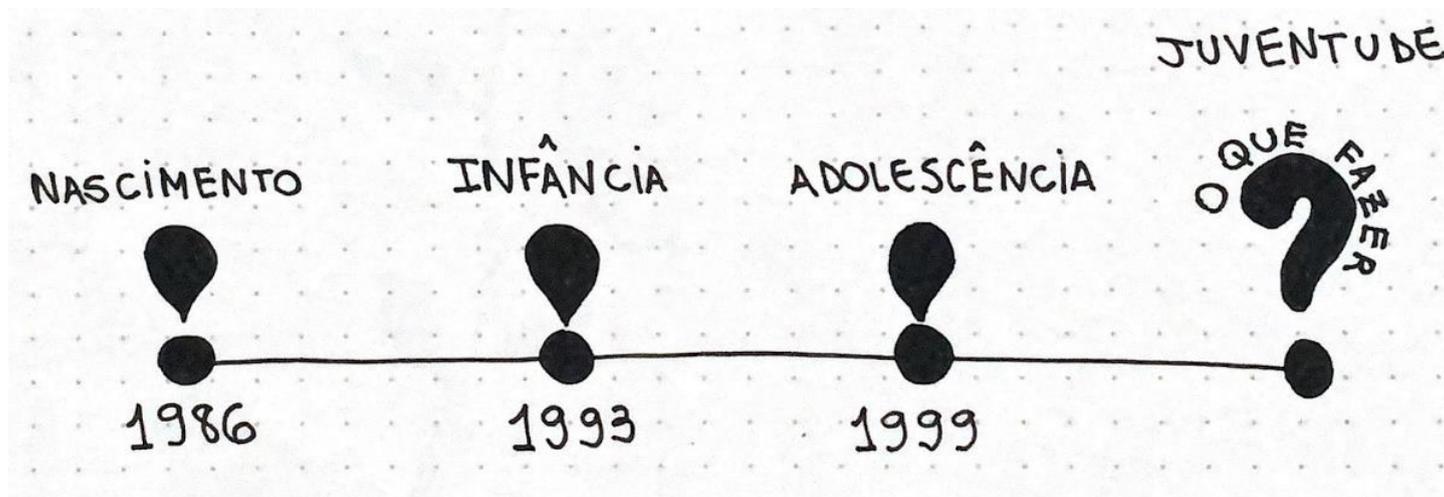


Ilustração 10 - ?

Fonte: Azevedo (2023)

No início da juventude, após finalizar o ensino médio, sempre bate aquela dúvida sobre o futuro, isso também aconteceu comigo. A gente usa o que tem no agora dando um tempo pra descobrir o que de fato se quer: Sabiá não tinha que lidar apenas com sua própria consciência por não saber o que fazer, mas também por não saber o que Deus queria dele.

Com sua vivência dentro da Igreja Católica, Sabiá vê a possibilidade de seguir uma vida religiosa, por isso aos 18 anos ingressa no acompanhamento vocacional da Ordem dos Frades Menores Capuchinhos, seguindo sob essa orientação até os 20 anos.

Durante esse período, dos 18 aos 20 anos, em que se inicia a juventude, curiosidades sexuais começam a aflorar mais em Sabiá, principalmente curiosidades que envolviam pessoas do mesmo gênero e mesmo nesse impasse, decide seguir para o seminário, em dezembro de 2006.

Nessa época, os Frades responsáveis no seminário não esboçaram problema algum com as questões de Sabiá acerca de sua sexualidade, porém os questionamentos que provinham desses assuntos era sempre tratado como uma subversão por parte de Sabiá.

(...) existe na igreja uma política até rígida [sobre homossexualidade] e nessa época, inclusive, [havia] um Papa bem exigente, [para que] não aceitassem jovens com tendências homo. E daí eu fiz essa experiência então e fiquei em 2007 e 2008 no seminário, lá a gente, esse assunto de sexualidade sempre foi negligenciado pela igreja, era abordado mas de modo bem velado, ou até mesmo direcionado para a vida religiosa, um processo de castração.

Mesmo nesse ambiente, meio que inóspito para se viver relações homoafetivas românticas, no primeiro ano de seminário, Sabiá teve sua primeira relação sexual. Seu companheiro seminarista pediu para se retirar do convento um tempo depois, mas Sabiá permaneceu.

Por serem bem próximos, a relação dos dois era evidente para os responsáveis do convento e isso nunca representou um problema para eles, até que, por algum motivo, o formador do seminário foi substituído e, diferente do outro, este tinha um olhar diferente para com Sabiá.

Sem considerar muitas questões da minha natureza, me chamou (...), estava reunido o conselho. (...) o superior me convidou pra sair do convento, em agosto de 2008, "Porque a gente acha que você não tem vocação para a vida religiosa" (...) que eu era muito subversivo, (...) aí eu falei "Tudo bem, eu só acho que vocês demoraram muito pra fazer essa análise, porque to há mais de cinco anos com vocês". Na verdade eu achei que isso era um lado homofóbico dele mesmo e [por isso levou a] me convidar pra sair.

Esse acontecimento trouxe à tona questões do início da sua juventude e sentimentos que pareciam nunca ter sido sentidos antes. A sensação era de que parte de sua vida havia sido jogada fora, seu projeto de vida e a ideia de seguir uma vida voltada à igreja chegara ao fim, não porque Sabiá havia determinado isso, decidiram por ele que sua vocação deveria ser outra.

(...) eu sei que se não fosse esses elementos de preconceito, essas limitações de lidar com esses temas, eu ainda estaria no seminário com certeza, né, mas o seminário não saiu de mim, né, eu saí dele.

Além do impacto que o traumatizou, ter que reformular sua vida, e o retorno para casa com possíveis indagações, o sentimento de luto, de preterimento por não se sentir visto e reconhecido, eram presentes. Ainda com a raiva e revolta pela expulsão, Sabiá voltou a Belém e tentou mais uma vez, foi para um acompanhamento de uma Diocese, mas ali encontrou o mesmo preconceito que outrora sofreu e preferiu não arriscar novamente. Mais tarde acabou por se aproximar da Igreja Luterana, tentando se encaixar em algum lugar, mas preferiu permanecer na Igreja Católica pela história que construiu dentro da doutrina.

A verdade é que Sabiá nunca quis ser um Sacerdote, ele queria ser um religioso que dedica-se 100% a igreja. Sua origem humilde, de classe baixa, com certas necessidades, entendia que viver como seminarista era também uma forma de não ter que se preocupar em sobreviver. Ser padre de fato não era uma vontade sua, mas ter certas “regalias” - como uma casa, um carro, salário, plano de saúde, dedicação integral a igreja - não era uma má ideia, talvez hora ou outra aceitasse essa orientação, uma vez que as atividades propostas já eram desenvolvidas por Sabiá sem possuir o básico que esse caminho proporcionaria.

Todavia, essa vida de seminarista deixou de ser uma opção, então se inscreveu para realizar o vestibular da Universidade Federal do Pará (UFPA) e decidiu, de alguma forma, retomar as rédeas de sua vida e seguiu com um tratamento psicológico para poder lidar com os sentimentos que ainda o assombravam desde sua saída do convento.

No entanto, mesmo com a psicoterapia, Sabiá utilizava de suas relações homoafetivas para compensar o vazio que se criara. Nessa mesma época Sabiá começou a trabalhar para ajudar sua família, que morava de aluguel, e isso, de algum modo, possibilitou a ele desenvolver mais suas relações, inclusive sexuais, o que não tinha acontecido desde o seminário.

Com o primeiro parceiro, após o acontecimento, Sabiá se apaixonou, mas tempo depois o relacionamento não vingou. Houveram outras experiências, e em uma delas ele voltou a se apaixonar. Sabiá propôs um relacionamento, que foi aceito. As relações sexuais eram frequentes, sempre com proteção, mas uma vez, sem saber e sem saber o porque, seu parceiro tirou o preservativo.

Esse ato recebe o nome de *stealthing* sendo traduzido como *furtivo* e não é uma simples ação, é crime e traz consigo sérias questões de nível ético, legais e de saúde pública, uma vez que todo ato não consensual é uma violação que pode afetar a integridade física e psicologia do indivíduo que foi violado. As discussões sobre essa prática estão tornando-se cada vez mais constante e atuais, principalmente de forma online e em fóruns, fazendo com que seja pensado de forma jurídica e legal¹⁴.

Quando sua vida sexual começou a ficar mais ativa, Sabiá criou o hábito de fazer exames de ISTs (Infecções Sexualmente Transmissíveis) regularmente, como um aparato para se guardar dos riscos existentes, e em um desses exames de rotina

¹⁴ Fonte: < <https://www.tjdft.jus.br/institucional/imprensa/campanhas-e-produtos/direito-facil/edicao-semanal/stealthing>>. Acesso 03/12/2023.

revelou-se um resultado inesperado, em 6 de abril de 2010 Sabiá se descobriu soropositivo.

Eu não sabia da profilaxia, não era uma realidade acessível pra todo mundo, era uma prática preventiva [a] PEP¹⁵, era dedicada só para profissionais de saúde. Então, o que me restava depois de desconfiar de um ato sexual arriscado? Eu tive que esperar, isso me deixou revoltado por não ter acesso às informações. Então um jovem pobre, negro, da periferia, me percebi como público vulnerável. Então aquilo me trouxe uma série de consciências e indignações.



Ilustração 11 - “Os vírus são uma má notícia embrulhados em uma capa de proteína” (Medawar, 1983)¹⁶.

Fonte: Azevedo (2023)

Essa descoberta ocorreu no pior momento possível: Sabiá acabara de entrar na faculdade de Letras, e estava sendo acompanhado pela Ordem Franciscana Secular (OFS) para ser admitido na fraternidade.

¹⁵ Profilaxia Pós-Exposição ao HIV.

¹⁶ Meng e Lever, 2013.

CAPÍTULO 2 - Fé e vida, ser social e político

“HIV não é sinônimo de morte”

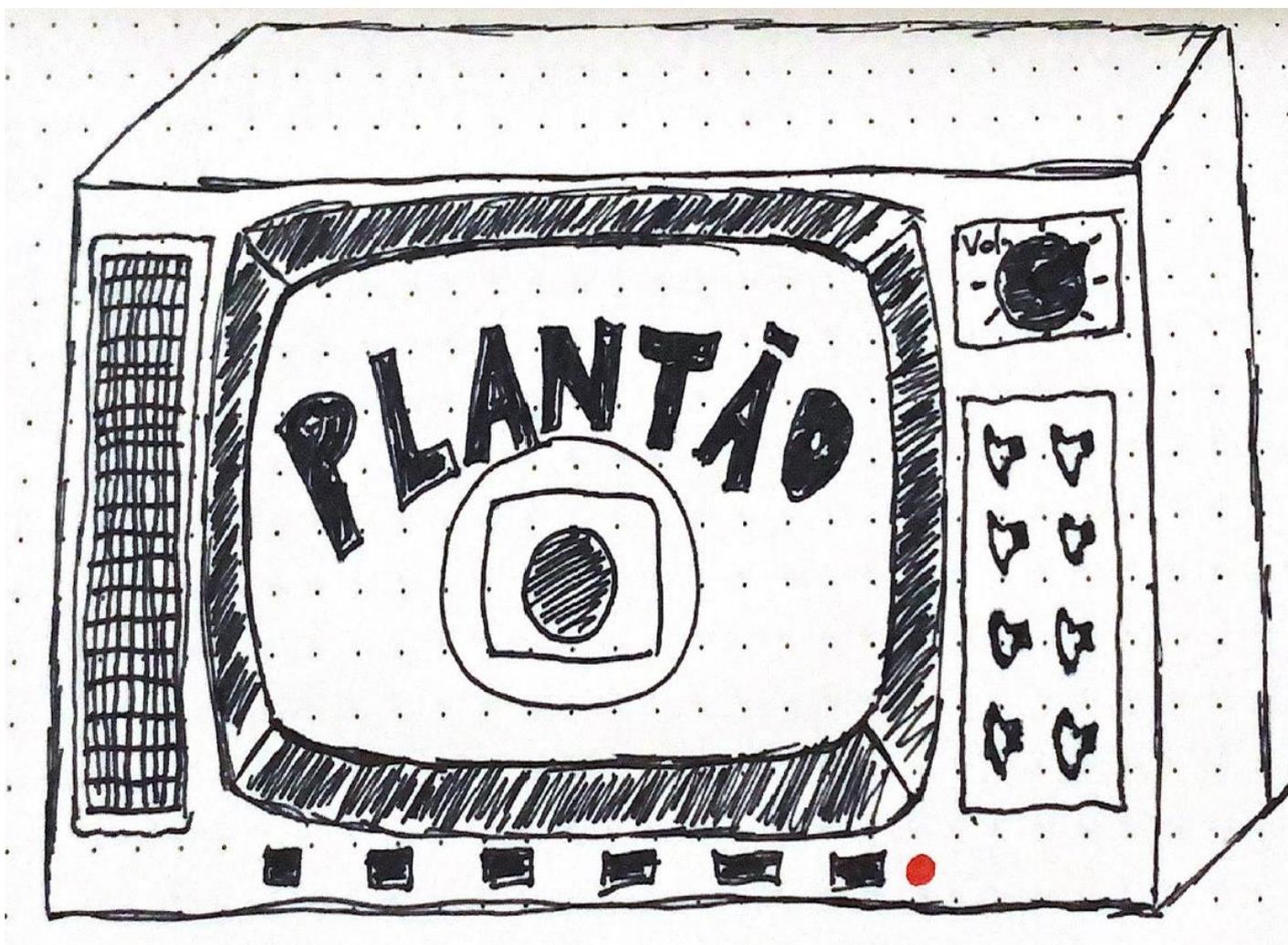


Ilustração 12 - 1983, a Globo fala sobre o HIV

Fonte: Azevedo (2023)

A história do HIV/Aids se inicia nos Estados Unidos e na Europa na década de 80, quando um elevado número de homens começaram a ser diagnosticados com uma rara pneumonia sem motivo aparente. Apenas em 1983, dois anos após os primeiros casos, foi descoberto o vírus da imunodeficiência humana (HIV), responsável pela síndrome da imunodeficiência adquirida (Aids¹⁷) - condição essa que

¹⁷ “A Aids é geralmente considerada como a terceira e última fase de um processo, sendo a primeira a infecção com o vírus da imunodeficiência humana (HIV) e os primeiros sinais de agressão ao sistema imunológico, seguida de um longo período de latência entre a infecção e o surgimento dos sintomas

explicaria os inúmeros diagnósticos de pneumonias raras e outras doenças oportunistas, como tuberculose e cânceres -, um agente infeccioso minúsculo:

(...) cerca de 16 mil vezes menor que uma cabeça de alfinete. [...] Os macrófagos, células grandes que são agentes do sistema imunológico do organismo, detectam a presença do pequeno alienígena e imediatamente alertam o sistema imunológico. Esse começa a mobilizar um grande número de células que, entre outras coisas, produzem anticorpos para enfrentar a ameaça. Obstinadamente, o vírus da Aids ignora muitos dos glóbulos sanguíneos que encontra em seu caminho, esquiva-se dos defensores, que avançam rapidamente, e atinge sua única meta, uma célula auxiliar T, a principal coordenadora do sistema imunológico [...]. (SONTAG, p. 81, 2007)

No Brasil, a primeira morte foi a do estilista Markito, em 1983, decorrente a complicações devido a Aids, tornando-se um símbolo importante de conscientização da população brasileira, além de chamar a atenção da mídia nacional e internacional para a epidemia do HIV/Aids.

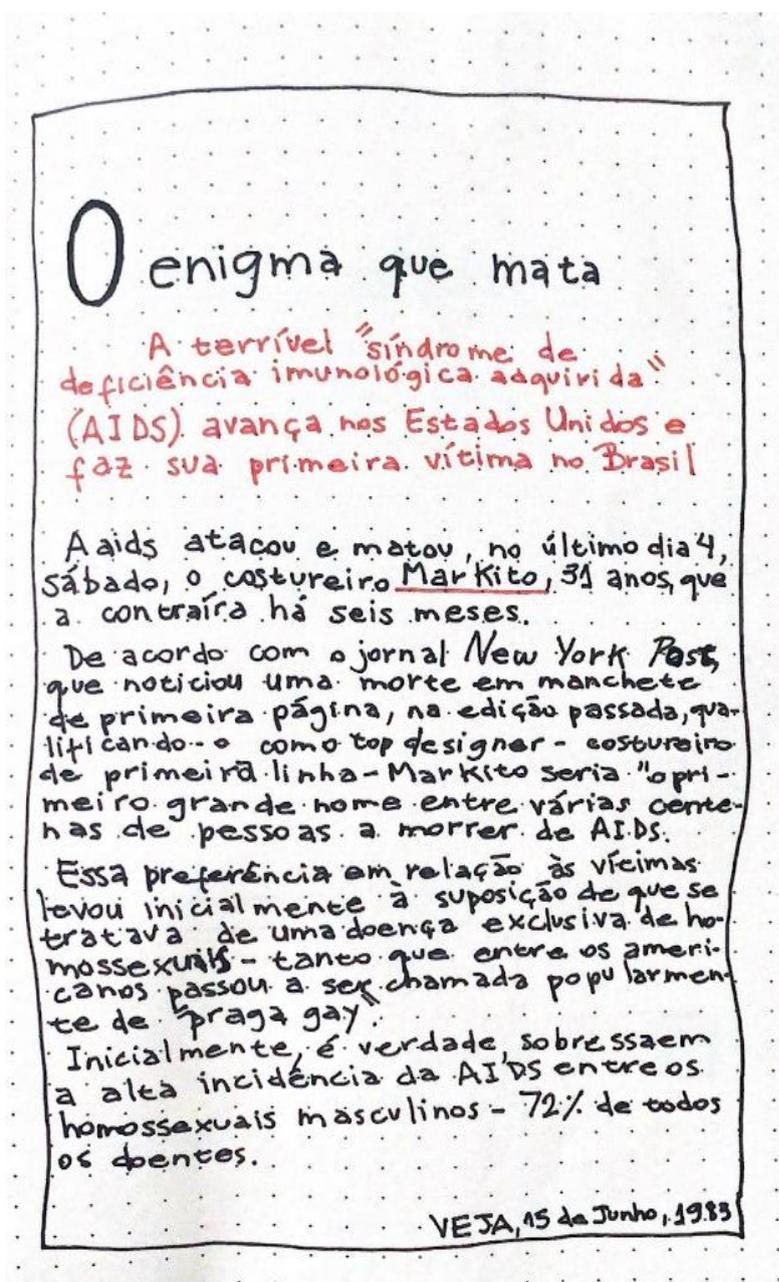


Ilustração 13 - O enigma que mata

Fonte: Revista Veja, representado por Azevedo (2023)

"reveladores". (Sontag, p. 83, 2007)

Como a maior quantidade de casos conhecidos até então era entre homens que faziam sexo com homens, o HIV/Aids passou a ser popularmente conhecido como “câncer gay” e “peste gay”:



Ilustração 14 - Representação Jornal 1

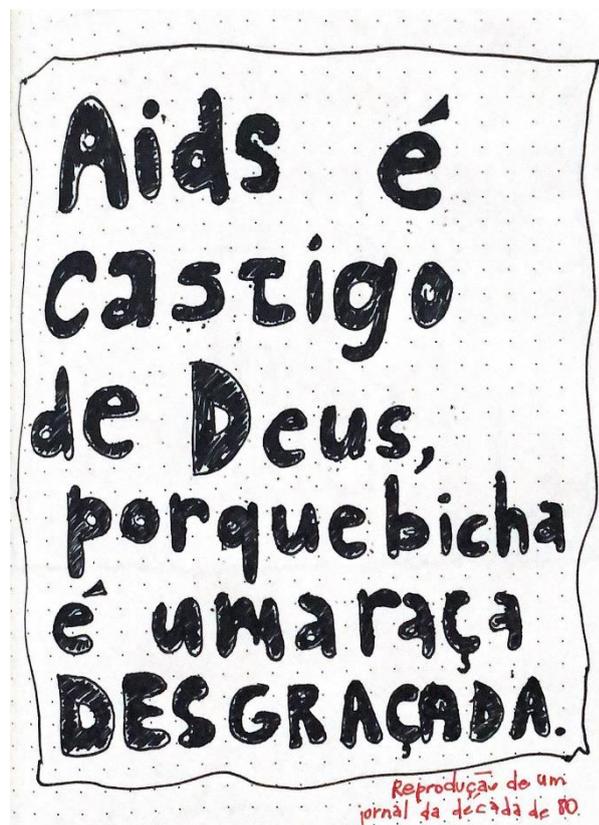


Ilustração 15 - Representação Jornal

Fonte: Jornais da década de 80, reprodução por Azevedo (2023)

Divulgado pela imprensa como uma ‘peste gay’ ou um ‘câncer gay’, devido ao fato de os primeiros casos terem sido diagnosticados em homossexuais e haver mais incidência no início justamente entre essa comunidade, o HIV/AIDS foi um vetor de repatologização das sexualidades dissidentes” (Quinalha, 2022, p. 113).

Essa re-patologização das sexualidades fora da cisheteronormatividade, assim como outras vivências que não se encaixavam num padrão social, propiciou a criação da ideia dos **4H**: homossexuais, *hookers*¹⁸, hemofílicos e *heroin users*¹⁹ (Preciado,

¹⁸ Profissionais do sexo.

¹⁹ Usuários de heroína.

2020); tomando estes como os responsáveis pela IST e como grupo de risco – Toni Morrison (2019) traz a ideia de *outremização*, as mortes que ocorrem deste lado são vistas como mortes naturais, mesmo que sejam devido a violência policial ou até mesmo porque as políticas públicas não chegam até esse espaço para uma aderência efetiva de antirretrovirais por exemplo, devido a um “conjunto de formações agenciadas por um estado de coisas cuja estrutura colonial atualiza a forma de circulação e precarização de certos corpos, aqueles e aquelas que são constituídos como o outro” (Idem), da mesma forma que essa conotação de *grupo de risco*²⁰ denota.

Embora a homossexualidade não seja mais vista como uma doença pela Organização Mundial da Saúde (OMS), ela ainda é vista como pecado, um desvio da normatização divina. Nos dias atuais temos a cura gay e as terapias de conversão (Garcia e Mattos, 2019), todas com o intuito de tornar o mundo ainda mais cisheteronormativo e dentro do padrão.

Sabiá soube muito bem o que isso significava, não apenas quando era chamado de viado pelas crianças do bairro em que morava ou pelos colegas da escola, nem somente quando foi expulso do seminário, mas principalmente quando descobriu ser soropositivo. É como um marco de antes do positivo e depois do positivo: primeiro a discriminação por ser homossexual, depois o preconceito e estigmatização por ser um homossexual que vive com HIV.

De acordo com dados oficiais, homens heterossexuais apresentam quase 10% a mais dos casos de HIV quando comparados a homens homossexuais, com 49% e 38% respectivamente (Knauth et al, 2020). É interessante pensar sobre isso, porque o estigma sobre o HIV é evidente, mas ao que parece homens homossexuais ainda são considerados os culpados pela existência do vírus, isso se confirma pelas informações que o artigo fornece mostrando que homens heterossexuais associam o contágio ao HIV a práticas homossexuais, ou seja, ao sexo entre homens, e por isso é algo que acontece apenas entre os gays. Devido a isso, homens que se consideram

²⁰ No canal Agência da Aids no YouTube, o ativista Américo Nunes, fala sobre como termo **grupo de risco** pode trazer estigma e discriminação para as pessoas que são designadas como tal, principalmente pelo meio médico, ainda mais quando se trata sobre uma infecção que por si só já é olhada com preconceito. Susan Sontag (2007) também aponta a problemática no uso deste termo, pois “ressuscita a ideia arcaica de uma comunidade poluída para qual a doença representa uma condecoração” (p. 100). Acesso: <https://www.youtube.com/watch?v=wWQ14LKwVpE&t=1629s&ab_channel=Ag%C3%AAnciadeNot%C3%ADciasdaAids>. Acesso em 08 de Julho de 2023.

heterossexuais acabam se recusando a realizar testes de ISTs e quando o fazem se negam a acreditar em um resultado positivo.

Essa situação também pode ser explicada pela falta de políticas públicas voltadas a esse homens heterossexuais, com uma linguagem e informações que sejam voltadas a vivências deles e cheguem de frente a problemática das elevadas porcentagens de contaminação entre eles.

Contudo, foram, principalmente, os movimentos LGBTQIA+ que buscaram, por meio da pressão governamental, uma solução para o caos sanitário, e até então desconhecido, que se instalava no país:

Naqueles primeiros anos de HIV/Aids - em meio ao medo, estigma e falta de apoio nacional e internacional - respostas efetivas surgiram de movimentos de base, mais notavelmente, de grupos ativistas gays que pressionaram os serviços de saúde municipais e regionais por informações e tratamento e que também realizaram suas próprias campanhas de prevenção. (Biehl, p. 58, 2007, **tradução minha**).

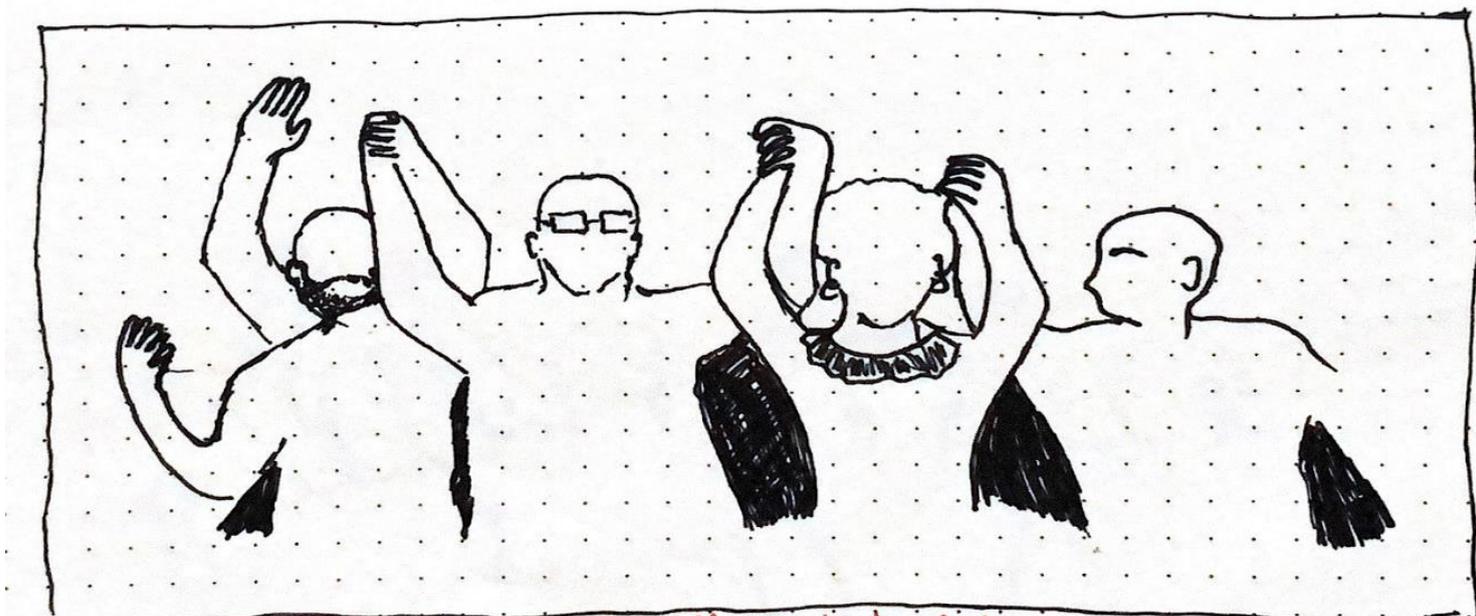


Ilustração 16 - 1988, manifestação no Dia Mundial da Aids

Fonte: Abia/Icict, reprodução por Azevedo (2023)

O Brasil, contra todas as possibilidades, inventou um jeito público de tratar a Aids. Em 1996, se tornou o primeiro país em desenvolvimento a adotar uma política oficial que universalizou o acesso aos tratamentos antirretrovirais, cerca de cinco anos antes das discussões políticas globais passarem de uma estrutura que focava apenas na prevenção para outra que incorporava o tratamento universal. (Biehl, p. 3-4, 2007, **tradução minha**).

Graças a isso, em 1998 por volta de 56.000 indivíduos, que conviviam com HIV, receberam os antirretrovirais e em 1999 o número de mortes decorrentes de complicações causadas pela Aids diminuiu (Biehl, 2007). Os antirretrovirais trouxeram um novo panorama naquele momento, porém, esse avanço não se sobressaiu a discriminação, e no mesmo ano a capa da revista *Veja* estampava o artista Cazuza, magro devido a Aids, com uma manchete que assinalava um atestado de óbito, pejorativa, carregada de estigma e disseminando pânico moral.

CAZUZA



Uma vítima da Aids agoniza
em praça pública

Ilustração 17 - Cazuzza na Veja

Fonte: Revista Veja, 1989, reprodução por Azevedo (2023).

Cazuza foi o primeiro famoso a declarar no Brasil que convivia com HIV e, até sua morte, falou sobre a epidemia do HIV/Aids buscando a conscientização da sociedade. Sendo uma pessoa famosa, que era vista e ouvida, buscou chamar a atenção dos responsáveis para solucionar um problema que era mais que evidente, pois sabia a importância de falar sobre, sobre o viver com HIV/Aids e sobre o vírus em si. Após sua morte, e de modo a homenagear sua vida e sua luta, seus pais criaram uma ONG, Sociedade Viva Cazuza, ajudando crianças e jovens soropositivos, e fornecendo assistência social a eles e suas famílias²¹.

Sabiá não possui a visibilidade de Cazuza, mas igualmente compreendeu a importância de ser assistenciado e, muito mais que isso, a importância de se falar sobre HIV e sobre suas vivências positivas ante a uma realidade pesada. Contudo, comparado àqueles que descobrem sua soropositividade em estágio avançado (Ribeiro et al, 2020), seu diagnóstico precoce possibilitou a procura imediata para receber as devidas orientações e acompanhamento psicológico no Centro de Testagem e Aconselhamento (CTA).

Esse imediatismo em busca de todo aparato biomédico necessário, foi imprescindível para o início do tratamento, mas se encaixar em uma nova rotina não foi nada fácil, não só pelo desgaste da locomoção, mas também pela vergonha de ter que assumir uma nova realidade.

Ter que frequentar o Centro de Tratamento, ter que encontrar outras pessoas lá, lidar com a distância, com o dinheiro do ônibus, né... com a necessidade de frequentar no primeiro momento vários... vários atendimentos, né, ou seja, ter que ir quase toda semana ou todo mês era... era bem difícil, né, era vergonhoso, era cansativo, mas eu ia. Eu ia aborrecido, mas eu ia, né.

Nesse primeiro momento, o remédio não fora administrado. Após o resultado do exame, foi feito um monitoramento clínico dos linfócitos CD4²²: se estivessem abaixo de 350 células/mm³ (Souza et al, 2020) iniciava a medicamentação, se continuassem acima deste referido valor apenas seguia com o monitoramento.

Em 2014, Sabiá teve que cuidar de seu avô no hospital. Dormir em cadeiras e poucas horas de sono, a má alimentação, fizeram com que seu sistema imunológico

²¹ Informações retiradas do site voltado a ONG <vivacazuza.org.br>, porém o mesmo encontra-se fora do ar devido ao encerramento das atividades.

²² Células de defesa do sistema imunológico. Fonte: <<https://unaid.org.br/informacoes-basicas/>>. Acesso 11 de Julho de 2023.

fosse afetado e seus exames mensais mostravam que seu CD4 estava inferior ao desejado²³, dando início às medicações.

Essa nova etapa no tratamento foi, talvez, mais difícil para Sabiá do que quando recebeu seu diagnóstico e teve de se adaptar a rotinas de exames semanais. O primeiro medicamento que utilizou foi o Efavirenz,

ele tem um impacto no sistema nervoso central, então ele deixa a gente com mais irritabilidade, com mais depressão, né, propenso a ter inclusive problemas cardíacos, é um remédio muito forte, né. Então é, eu lembro que eu tomava ele e meu coração acelerava muito, eu suava, né, meu organismo reagia, sabe? Sentir a reação daquele remédio nas primeiras horas e era sempre aconselhado tomar antes de dormir, né, enfim... e eu convivi com [isso] uns 7, 8 anos, mas 8 anos, né, tomando ele todo dia, e tinha esses picos, né, de irritabilidade. (...) Eu não sei mensurar o impacto do remédio no meu corpo.

Após esses oito anos tomando um medicamento que, apesar de ajudar nas questões do HIV diminuindo a carga viral, afetava negativamente seu corpo - formigamentos e câimbras nas pernas, ardência ocular constante -, o medicamento foi trocado, por um coquetel medicamentoso - Dolutegravir 50mg + Tenofovir 300mg com Lamivudina 300mg -, mais atual e menos danosos.

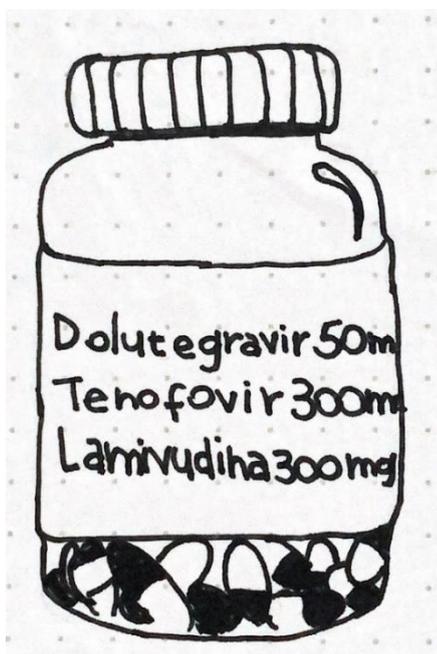


Ilustração 18 - Coquetel

Fonte: Azevedo (2023)

²³ O baixo nível do CD4 indica a proliferação do vírus HIV no organismo do indivíduo, uma vez que este ataca diretamente o sistema imunológico. Fonte: <<https://labtestsonline.org.br/tests/cd4-e-cd8-contagem-de-linfocitos#:~:text=Os%20linf%C3%B3citos%20CD4%20s%C3%A3o%20o%20principal%20alvo%20do%20HIV%2C%20e,de%20outros%20tipos%20de%20linf%C3%B3citos>>. Acesso 11 de Julho de 2023.

Esse novo esquema medicamentoso, ainda que causasse menos mal estar, dependia também de um monitoramento a longo prazo, não é como uma pílula que magicamente resolverá tudo, sabemos que até o momento não há cura e que a vida com HIV depende desses farmacológicos.

Entretanto, os medicamentos não eram os únicos que afetavam seus dias, o próprio HIV fizera com que seu organismo perdesse a disposição que outrora tinha, Sabiá tornou-se mais sonolento, mais cansado. Sabiá se refere ao seu viver como uma sobrevida, uma vida ameaçada mantida por meio dos antirretrovirais: “estou me consumindo pelo HIV e eu tenho que cuidar de mim. (...) A Aids é sinônimo de morte, mas o HIV não, ele é um sinal de sobrevida”.

“Quem sabe não tem nojo de mim”

Se abrir com sua família não foi fácil. A vergonha não foi o real motivo, mas o medo, medo da rejeição, de deixar de ser amado, de ser deixado de lado. Os primeiros a terem o privilégio de saberem dessa intimidade de sua vida, foram os irmãos, que “aceitaram” muito bem. Não sei se o verbo aceitar seja o melhor a ser utilizado aqui, já que não há o que de fato ser aceito, talvez o modo tranquilo de ouvirem essa confiança lhe promovia um grande desafogo.

O respeito sempre foi um precursor na relação entre eles, então quando Sabiá se abriu com eles nada foi dito a mãe, entendiam que não era algo que dizia respeito a eles, que era Sabiá quem deveria contar e no momento em que se sentisse confortável o suficiente para isso.

Até que certo dia, em que todos encontram-se em casa - seu pai que havia recém chegado do interior, sua mãe, suas irmãs, seu irmão e até mesmo uma amiga de sua irmã do meio -, aconteceu uma discussão entre Sabiá e sua mãe, e no calor do momento Sabiá acabou por gritar com ela, de modo que todos puderam escutar a briga.

Sua irmã mais velha, de modo a adverti-lo, diz sem pensar duas vezes: “Não é porque tu tens Aids que tu pode falar assim!”. O clima que já não era agradável piorou ainda mais quando, sem pestanejar, Sabiá lhe lançou “Cala a tua boca!”.

Evidentemente a discussão que tivera com sua mãe nada tinha a ver com o fato de conviver com HIV, e tampouco fazia sentido utilizar deste acaso como forma

de repreensão, ainda mais trazer esse assunto a tona de forma tão violenta, o expondo em meio a pessoas que não faziam parte dessa sua vivência - como sua mãe.

Sabiá teve tempo apenas de colocar uma camisa e ligeiramente saiu de casa. Na época sua família morava atrás de um cemitério e por isso, naquele momento, foi o primeiro lugar que lhe calhou ir, talvez pelo silêncio, pela solidão, nem mesmo ele sabe dizer, mas foi lá que se sentiu à vontade para chorar.

Chorou, chorou e depois andou e andou. Foi a procura de um amigo que o acolheu e quando retornou para casa decidiu que já era hora de contar sobre o HIV para sua mãe:

(...) entrei... falei "mãe, vem cá que eu quero falar com você", aí sentei lá no quarto dela e comecei, né. Falei da minha sexualidade e expliquei que não tem a ver com a sexualidade mas que infelizmente, né, eu tinha me exposto a uma relação de risco e contrai, mas isso poderia ter acontecido com qualquer pessoa e tudo, aí ela me perguntou porque que não tinha contado antes para ela, né, e eu disse que eu não estava em condições de contar aquilo para ninguém e eu queria ter condições de saber explicar melhor, né, o que era aquilo, tratamento, tudo, para eu poder ter condições de contar para ela e que eu iria contar assim, mas eu estava me preparando para isso.

Essa abertura e confiança de Sabiá com sua mãe deu um novo sentido para a relação deles, mesmo que o assunto não fosse tocado com frequência, sempre que via algo sobre na TV, alguma reportagem, ou até mesmo alguém falasse sobre o assunto, ela compartilhava com ele.

Tempos depois, sua mãe sofreu um acidente e precisou realizar sessões de fisioterapia, ocorreu que seu tratamento foi feito no mesmo local em que Sabiá trabalhava e recebia atendimento. À medida que passou a frequentar o Centro de Tratamento, para seus procedimentos, a mãe de Sabiá começou a entender também um pouco mais sobre o HIV/Aids, conhecer o local de trabalho do filho e o serviço desempenhado ali.

(...) eu nunca percebi discriminação em casa pelo contrário a minha mãe me beija às vezes na boca, bem, selinho, né, "ô meu filho, me abraça!". Aos poucos a gente foi, vamos dizer assim, construindo e praticando assim "mãe, eu te amo",né, "beijo, minha mãe, eu te amo, fica bem" e aí praticando esse eu te amo, né, isso, esse falar disso, né, declarar o amor ao filho, a mãe.



Ilustração 19 - Família biológica de Sabiá - pais, irmãos e irmão -, 2019

Fonte: Acervo de Sabiá, representação de Azevedo (2023)

“Comecei a considerar ser até como uma bênção.”

De acordo com o dicionário Michaelis, a palavra bênção possui até oito significados e formas de ser entendida: vai de liturgias, sentimentos e até representa o nome de um golpe de capoeira. Aqui, da forma utilizada por Sabiá e pensando sua trajetória, sua vida religiosa e até mesmo sua devoção, pode-se considerar que esteja ligada a ideia de *graça concedida por Deus* (Michaelis, 2021).

No início, quando os primeiros casos foram descobertos, ser diagnosticado com HIV era como ter uma morte iminente, mas os medos de Sabiá pautavam-se na vulnerabilidade em que se encontrava naquele momento, ampliada pela descoberta do HIV.

Buscando informações e começando a entender sobre sua vulnerabilidade no mundo, foram grupos de apoio a pessoas que vivem com HIV que Sabiá encontrou um ambiente seguro. Em um evento religioso, Sabiá conheceu um jovem que

palestrou sobre a juventude na igreja e falou sobre HIV, e através disso estabeleceu vínculos com a Pastoral da Juventude.

Eu tinha uns amigos da Pastoral da Juventude, mais progressista, fala mais sobre a sexualidade. Eu procurei esses amigos e eles me apresentaram uma rede de jovens vivendo com HIV/Aids, eu tinha 24. Rede nacional vivendo com HIV/AIDS, organização de nível nacional, em cada estado tenta se organizar, mas nessa época tivemos um apoio da UNICEF, e nessa época fizemos uma campanha de nível nacional de “Somos Todos Iguais”, com o Ministério da Saúde. Em 2011 eu fui pro encontro com esses jovens em Manaus, eu tive esse suporte, eu busquei suporte pra viver de forma saudável essa situação. Em 2010 foi esse divisor de águas (...).

Através dessa rede, que não era vinculada a Igreja Católica, conheceu a Pastoral da Aids, uma idealização da Igreja Católica no enfrentamento ao HIV/Aids concretizada com a articulação do presidente da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) e do Programa Nacional de DST/Aids do Ministério da Saúde. Os primeiros passos dessa organização cívico-religiosa sem fins lucrativos no combate a Aids se deu em 1998, porém se fundou, definitivamente, em 27 de março de 1999 e em 2002 criou a Pastoral em nível Nacional, a Pastoral Nacional da Aids²⁴.

Ali Sabiá conviveu com pessoas com quem podia conversar sobre seus medos - em relação ao HIV e sexualidade -, sua espiritualidade; pôde estudar mais sobre os aspectos, inclusive técnicos, de proteção ao HIV, e enquanto devoto, buscou compreender o olhar de Deus sobre a realidade humana, ressignificando sua própria vivência.

A Pastoral da Aids é um serviço que está do lado dos pobres, para os pobres (...), é muito necessário ter um suporte além do governo, a dimensão social e cultura o governo não dá conta. Ele te oferece um tratamento, mas a Pastoral é 24hrs, todos os dias, de modo que as pessoas que coordenavam a Pastoral na época me diziam “Toma meu número!”, [para] expressar nossas dúvidas, perspectivas, tanto pra minha profissão, me deu estrutura para tudo: vida amorosa, familiar, social, mentalidade libertadora, [a] não ter uma mentalidade de pecado, de excesso, ter uma vida saudável que te permite fazer o que sente necessidade, desejo, tanto na sexualidade como no campo geral.

A igreja, após sua expulsão no seminário, havia se tornado um local em que já não se sentia mais em casa. O preconceito e discriminação sofridos por Sabiá transformaram-se em trauma, e a chegada do HIV não afetou apenas sua saúde e seu físico, ameaçou também sua vida espiritual e social, entretanto, a Pastoral foi um suporte, refazendo seu projeto de vida outrora abalado e encontrando um novo propósito.

²⁴ Fonte: <<http://www.pastoralids.org/p/quem-somos.html>>. Acesso em 24 de Outubro de 2020.

Pra gente enfrentar esse rojão [o HIV], a espiritualidade é um sustento. É a espiritualidade que vai dizer “Ei, essa vida é que passa, todo mundo vai morrer”, mas o interessante é perguntar qual o sentido da minha vida, o que to fazendo da minha vida, e o que eu vou deixar.

Sabiá passou a dedicar dois dias da semana para a Pastoral, recebia R\$300 por mês para colaborar na organização de documentos e outros materiais enquanto ia aprofundando seu conhecimento no âmbito da saúde, da espiritualidade e até mesmo sobre o pastoreio.

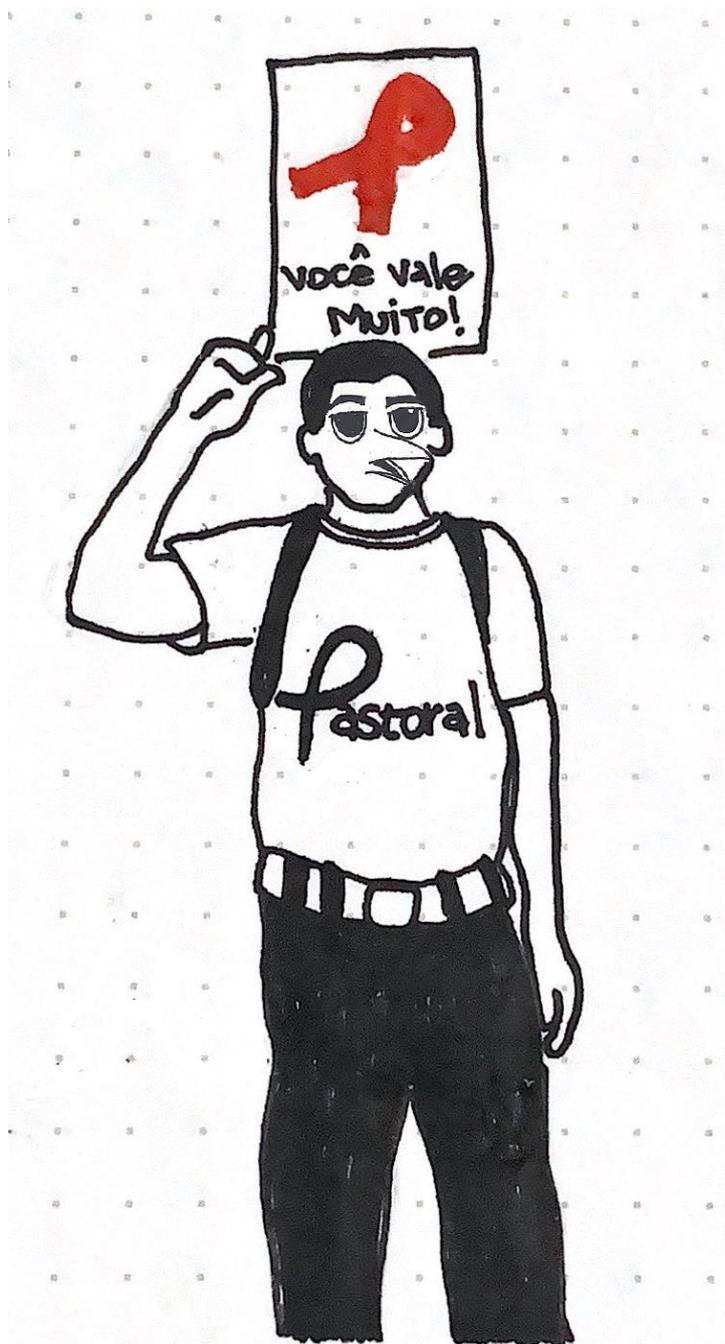


Ilustração 20 - Círio de Nazaré, 2010

Fonte: Acervo de Sabiá, representação de Azevedo (2023).

Ali, Sabiá foi assistido e acolhido pelos agentes - agentes esses que também convivem com HIV -, passou a compreender seu tratamento, entender de que forma o HIV/Aids é visto pela sociedade, e além disso uma forma de mudar esse meio. Aos poucos sua vida foi se adequando a uma nova realidade, seus hábitos foram sendo repensados, devido ao HIV e outras questões de aspectos psicológicos, de modo a viver uma vida mais saudável:

Minha relação de saúde, doença, ela é bem complexa no contexto de que, claro que, a saúde ela não é só simplesmente remédio, mas é uma série de outras práticas... veio o cigarro na minha vida, né. que eu tô administrando isso ainda de como ir deixando de ser tabagista, né, um uso, um usuário, né, de tabaco, de cigarro, bebida também, né. Eu penso que tenho que construir uma relação um pouco mais, não sei se é autocontrole, né, mas me preservar mais, justamente por conta do quadro não só do HIV mas da minha ansiedade, né (...).

O trabalho desenvolvido pela Pastoral Nacional da Aids visa a reintegração do indivíduo pós diagnóstico, “semeando fé, bondade, valores necessários para um equilíbrio de vida”. É uma rede de apoio que auxilia, através profissionais capacitados, um recomeço: “viver com HIV é uma condição que nos re-caracteriza”.

Esse acompanhamento junto com sua admissão para a Fraternidade Franciscana, fizeram com que Sabiá criasse uma nova visão sobre si e de sua soropositividade, tomando sua fé e sua assistência para além da “materialidade”:

Francisco trabalhou com os leprosos e tudo aquilo que era amargo se converteu em doçura. Então isso quer dizer que todo preconceito que ele tinha, não era aquilo, e eu trouxe isso pra minha vida. Vivenciar com HIV não é sinônimo de morte, não é pecado, isso não me torna pior que ninguém.

Após meses sendo assistido, Sabiá se tornou um agente que, tomando suas próprias experiências com o diagnóstico e sua medicamentação, ajudava outros sujeitos que careciam de acolhimento. Esse engajamento tornou-se mais que um trabalho voluntário, passou a ser mais uma bandeira a ser levantada, militando pelo direito ao acesso de todos aos medicamentos e tratamentos adequados, qualidade de vida, pela disseminação de informações e pelo fim da estigmatização do HIV e daqueles que convivem com ele.



Ilustração 21 - Protesto com a sociedade civil na luta contra a Aids, em 2012

Fonte: *Acervo de Sabiá, representação por Azevedo (2023)*

O que antes foi tomado pelo susto, pelo medo, pela ideia de morte, vigorava-se em vida através de sua espiritualidade e do outro, que potencializa sua consciência e sua fé:

Eu vim pelos doentes, para os pecadores, para que todos tenham vida e vida em abundância. Ela se materializa por meio das ações, porque a fé sem obra é morta. A espiritualidade é uma potência que nos mantém vivos e é uma vida que também assume um sentido, o que me move? Meus estudos, minha vida,

de modo que quando a gente se depara com o HIV a gente fala “Bom, vamos lá, se eu não tratar desse bichinho ele vai me engolir”. Então o que move a minha vida é eu administrar o HIV, e como aconteceu comigo, como foi um descuido eu não quero que aconteça com os outros. Eu preciso falar isso pra toda a sociedade, para o máximo de pessoas que eu puder.

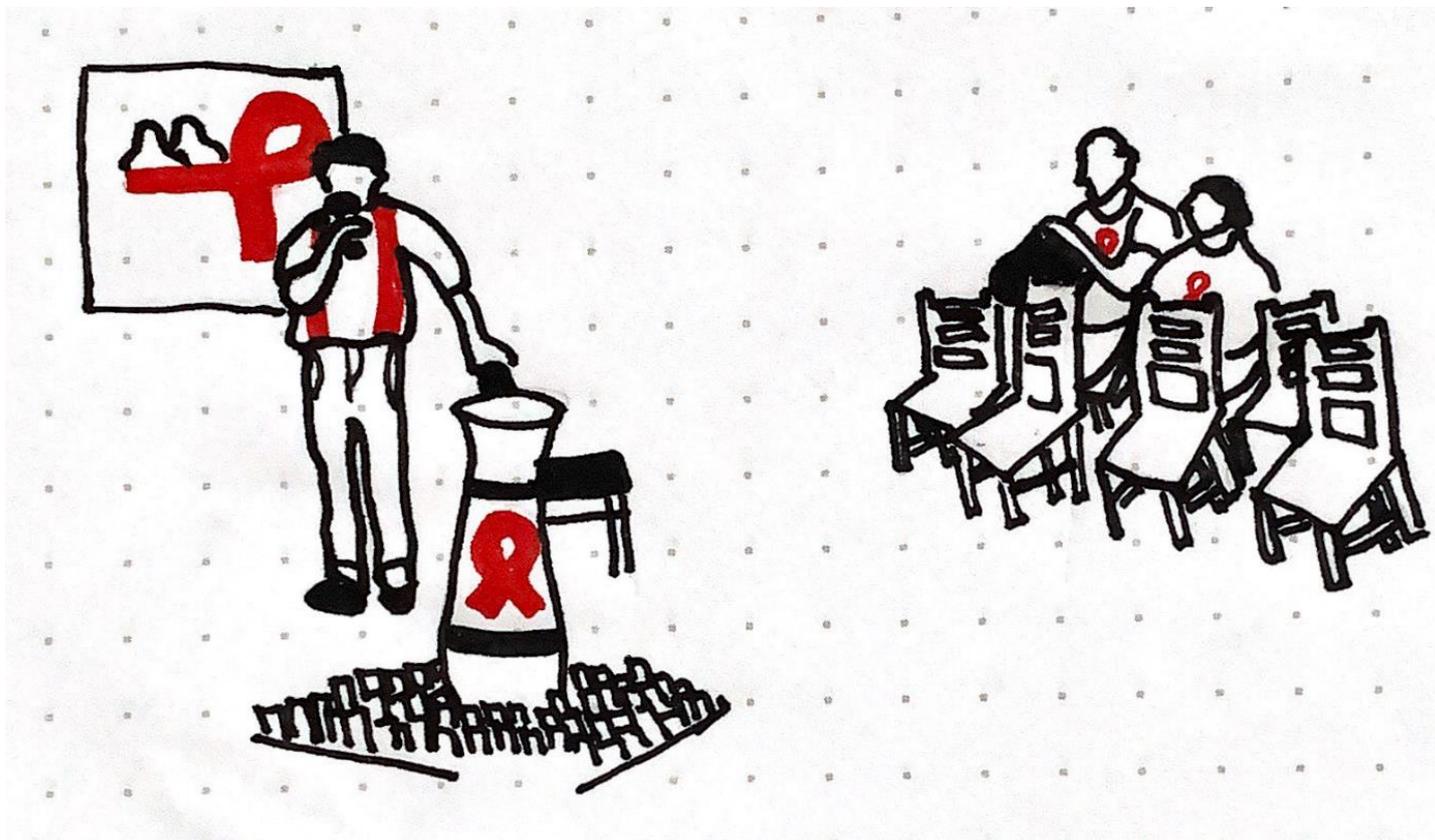


Ilustração 22 - Encontro de Adolescente e Jovem que vivem e convivem com HIV/Aids em Amazonas, 2014

Fonte: Acervo de Sabiá, representação de Azevedo (2023)

“Um cristão gay católico”

Lado a lado ao seu trabalho desempenhado na Pastoral da Aids, Sabiá realizava a formação inicial da Unidade Franciscana Secular, e voltava a encarar as mesmas problemáticas que tivera na época de convento: sua sexualidade e a homofobia velada.

Para professar sua fé, devido a sua sexualidade - que até então não havia sido declarada explicitamente -, Sabiá deveria acatar o celibato, e assim o fez por algum tempo. Na ordem para leigos, não há problemas em ser casado ou solteiro, contanto

que sua sexualidade seja deliberadamente hétero, ou tudo aconteça as escondidas, vivendo a penumbra da igreja.

(...) resolvi tratar do assunto (...) falar da minha sexualidade para formatura e é interessante que se eu não tivesse falado tava tudo bem, mas eu novamente abri muito o coração, fui muito sincero, me expus demais, e as pessoas às vezes elas não estão preparadas para para a nossa beleza, sabe? Para nossa verdade. Enfim... isso foi um aprendizado que eu tive. Mas enfim, aí falei para ela que eu era gay e que eu achava que eu tinha o direito de namorar assim como [quem] é hétero, né, e questionei, né, a doutrina católica nesse sentido e ela disse: “Bom (...), infelizmente então você não vai poder professar”, e assim de modo muito muito grosso e (..)pronto Os meses seguintes foram de indiferença.

Deixar de ser franciscano era impossível, a lição de São Francisco, da caridade, já fazia parte de quem Sabiá era, mas devido a homofobia, instituídas nas regras da igreja, foi deixando pouco a pouco de participar dos encontros, das missas, passou a atuar apenas nas causas sociais, mas se afastou totalmente das liturgias.

Entre uma coisa e outra, Sabiá vivenciava a universidade: participava do centro acadêmico, dos colegiados, de pesquisas; um modo de realizar o que fora proibido na OFS. Seu trabalho de conclusão de curso (TCC) falava sobre a representação de morte no HIV/Aids através da figura de morte em Caio Fernando de Abreu, e em 2016 se formou em licenciatura plena em letras.



Ilustração 23 - Sabiá em sua formatura em 2016

Fonte: Acervo de Sabiá, representação de Azevedo (2023)

No mesmo ano, passado cinco anos de sua última participação na fraternidade, Sabiá foi convidado a retornar, encontrou-se com uma amiga de infância e outros amigos - também franciscano que haviam professado - e solicitaram seu retorno a Ordem, principalmente pelo número de voluntários ser insuficiente, e com o pedido de que fosse deixado para trás o inconveniente que tivera.

“Olha isso aí isso é de fora (...) a gente não não vai querer ficar sabendo da tua intimidade” (...), é engraçado, né, então quando é conveniente coloca uns panos quentes e tudo, né.

O convite para o retorno não foi aceito até o superior de nível regional convidá-lo pessoalmente. Sabiá retornou para a fraternidade, professou terminando sua formação, em 2017 passou a assumir cargos e desenvolvendo lideranças, modificando certas concepções que iam contra a noção de caridade, empatia e respeito de São Francisco, o que me parece uma revolução, ainda que pequena.



Ilustração 24 - Amigo e Sabiá, em sua profissão na OFS em 2017

Fonte: Acervo Sabiá, representação por Azevedo (2023)

Isso acabou desagradando outras pessoas, e de certa forma quando a gente desagrada, em certos ambientes, eles vão tentar atingir a gente no nosso ponto fraco, né, então eu ouvia algumas piadinhas de mau gosto. A função que eu assumi no conselho, na diretoria, foi de tesouraria e automaticamente a tesouraria administrava uma casa de eventos, né, e eu transformei essa casa em um hostel, né. Depois começaram a ter boatos, né, que eu levava homens para lá, né, e enfim...no meio desses 20 [pessoas] assim, umas duas pessoas eram muito difíceis de se relacionar e era muito venenosas, né, e espalhando assim sabe esses boatos, essas coisas, isso me machucava muito, eu já queria fazer um boletim de ocorrência por homofobia.

Todo o discurso bonito para seu retorno à fraternidade não era compatível com a forma que receberam Sabiá. Apesar dos boatos serem de conhecimento de todos, esse assunto nunca foi discutido abertamente, mesmo diante a pequena transformação que Sabiá promovera, situações como essa ainda ficavam embaixo do tapete, silenciosamente.

Sua caminhada franciscana é contrária a maré: enquanto uns tornam-se “cristãos medíocres”, Sabiá enxerga a organização com carinho, entendendo que “necessita de mazela, necessita de mais empenho”; mas também compreende seus limites mantendo uma divisão da vida fraterna e sua intimidade.

Essa realidade que eu vivo, infelizmente, ter que ser assim, né, um cristão gay católico atuante e que vive a sua sexualidade só é possível se ele tiver essas reservas, né, e todo mundo, na verdade ninguém é perfeito. Tenho certeza que os casais cristãos e tudo, eles têm lá os seus pecados ou as suas particularidades, que não é entendido por qualquer um, né. E também não é qualquer pessoa que entra naquela intimidade, então é melhor deixar, sabe? Deixa quieto...

Mesmo de modo reservado, Sabiá deixa claro quem ele é, faz sua sexualidade ser ativa, traz consigo o anseio revolucionário, militante - assim como o é com o HIV - , porque é necessário falar sobre o que é tratado secretamente, a informação provém do diálogo, assim como a desinformação vem do silêncio. Já fazem seis anos desde que professou e mesmo que fale e não se cale, não foi possível trazer a sexualidade como tema.

Falar de aliados talvez seja um pouco difícil, algumas amizades, mas não tantas dentro da fraternidade, é um tanto quanto complicado esperar que tomem sua própria bandeira e a brandem por você. Não é isso Sabiá espera, mas teme por uma exposição, se colocar em evidência, enquanto sofre uma discriminação velada.

Anos mais tarde, em 2019, Sabiá fez o boletim de ocorrência decorrente aos crimes de homofobia que vinha sofrendo desde 2017 com sua volta a Ordem Franciscana, e escreveu um texto refletindo sobre as vocações homoafetivas na igreja, que foi publicado no mesmo ano no encarte nacional da Ordem Franciscana Secular²⁵:

²⁵ Os trechos representados foram retirados do site da OFS.

AFETO FRANCISCLARIANO



Ilustração 25 - Francisco e Jesus

1. DOCE É SENTIR:

Um dos principais aspectos da espiritualidade franciscana é a vida em fraternidade. Segundo a Regra da OFS, a fraternidade é "a célula primária de toda a Ordem e um sinal visível da Igreja, comunidade de amor (...)" (Regra, Art. 22).

(...) como acolher vocações homoafetivas na Ordem Franciscana Secular? (...) às vezes, o modo como acolhemos pessoas homoafetivas segue o caminho mais fácil e anti cristão, ou seja, não acolhemos! Há casos excepcionais em que a equipe de formação, junto aos demais conselheiros, admite vocações homoafetivas sem o devido acompanhamento, faz "vista grossa", silencia e ignora a questão.

Todas as vezes que ignoramos estes temas presentes na vida dos irmãos, estamos deixando de observar o Evangelho e a Santa Regra Franciscana (Regra, Art. 13). (...) Nenhum Conselho deve abandonar o irmão, pois esse irmão é um presente de Deus a nós confiado.

No que tange à forma de tratar os (as) irmãos (irmãs) homoafetivos (as), é de nosso conhecimento que precisamos de formação para uma relação harmoniosa e intergeracional.

A afetividade é um dom de Deus e constitui a integridade humana. De acordo com Dom Julio Endi, nós somos como uma

casa de dois andares: no andar de baixo, estão cinco janelas: a visão, o olfato, o tato, a audição e o paladar. No andar de cima, temos quatro janelas: o senso da beleza, o senso da verdade, o senso da bondade, o senso do mistério. É aquilo que, tradicionalmente, chamava-se de vida sensitiva e de vida espiritual. Ora, a afetividade pode ser entendida como a escaleta que une e faz a comunicação dos dois andares: o que, recebemos pelos sentidos, é levado para a vida do espírito pela afetividade, e é esta que conduz à vida do espírito para a nossa vida sensitiva.

2. DISCERNIR:

O Catecismo da Igreja Católica nos ensina que pessoas homoafetivas "Devem ser acolhidas com respeito, compaixão e delicadeza" (CIC 2358). E por tanto os homoafetivos são chamados à castidade e à santidade. E "pelos virtudes do auto-domínio, educadoras da liberdade interior, e, às vezes, pelo apoio de uma amizade desinteressada, pela oração e pela graça sacramental, podem e devem aproximar-se, gradual e resolutamente, da perfeição cristã" (CIC 2359).

A homoafetividade "tem-se revestido de formas muito variadas, através dos séculos e das culturas. A sua gênese psíquica continua em grande parte por explicar" (CIC 2359). Em 17 de maio de 1990, a Organização Mundial de Saúde (OMS) retirou a homossexualidade da lista internacional de doenças.

A homofobia e outras formas de violência levam a pessoa LGBTQIA a depressão, a marginalização, às drogas

Ilícitas, à prostituição e ao suicídio. Apoiar os direitos humanos à pessoa LGBT não significa apoiar a cultura gay, significa salvaguardar o sagrado direito a vida!

Quantas pessoas homoafetivas nós conhecemos (...)? Como nós nos relacionamos com estes dons na fraternidade? Como vivemos nosso afeto franciscariano?

3. AFETO FRANCISCARIANO:

(...) para abraçar a vida Franciscana Secular, os candidatos precisam ter vocação, ou seja, por inspiração divina. É numa atitude acolhedora que o Senhor nos fala ao coração, e assim, viveremos em paz com as afetividades na fraternidade. A exclusão é contrária do projeto de Deus (cf. At 10, 14-15). Nesta mirada, o compromisso de educar nossas fraternidades para ser um espaço teológico da diversidade de dons e carismas, é urgente! Do mesmo modo, é preciso que na fraternidade, estejam formadores qualificados e em condições de acompanhar alguém "diferente", cuja afetividade e sexualidade fogem dos padrões considerados normais e com o qual não estamos acostumados a lidar (OLIVEIRA, 2007). (...) faz-se necessário na formação da OFS aprofundar a reflexão acerca das vocações

homoafetivas vivenciadas na fé cristã: saber acolher sem discriminação, sondar as motivações vocacionais, praticar a escuta, conviver fraternalmente, romper com os silêncios e as desconfianças, acompanhar com eficiência e de forma personalizada, respeitar a consciência dos irmãos LGBT's. Pois, o desejo de Cristo é que todos e todas possamos sentar-nos ao banquete da Vida, felizes e afetuosos.



Ilustração 26 - Profissão OFS, 2017

Fonte: Acervo Sabiá, representação por Azevedo (2023)

De certo modo, a publicação desse texto foi como um respiro para Sabiá, poder dizer, ainda que de forma virtual, o que estava preso há tempos, e ressaltar a importância do respeito na caminhada fraterna. Esse artigo incentivou a criação de um coletivo, Empatia Clara e Franciscana, voltado para um estudo de convivência de produção de conhecimento sobre a comunidade LGBT no contexto das religiões, focando na Igreja Católica, e contribuições que o Carismo Franciscano pode oferecer enquanto pastoral, acolhendo famílias.

Atualmente dentro da Ordem, até mesmo devido o Papa Francisco, essas discussões passaram a ser mais elaboradas com a ajuda dos grupos, os temas passaram a ser tocados nos encontros, de modo que aqueles que deram início, como o texto de Sabiá, foram como “feixes de luz (...) no meio de tanta escuridão”.

Sua sexualidade deixou de ser um problema, não que outrora tenha sido, mas estar em um ambiente de igreja foi um tanto quanto nocivo. A expulsão, os boatos, as difamações, os xingamentos, e as tentativas de se encaixar e ser aceito, de fato afetaram, em certo nível, o modo como se entendia.

O discurso constante do que é certo e errado, do que é pecado e do que não é, dentro do ambiente religioso, vez ou outra fizeram com que Sabiá se colocasse de lado, tentasse se moldar conforme o que os outros queriam que ele fosse. Mas agora, Sabiá se colocou no controle de sua própria vida.

Eu aprendi a lidar com isso na igreja (...), eu não exponho a minha intimidade e ali eu ajo naturalmente, *eu não preciso me fingir de machão não*, não nego a minha sexualidade se alguém me questionar. Mas também não deixo entrar, eu assumi o controle. Só entra quem eu deixar então isso já não é mais um problema.

“Manter a resistência e a permanência”

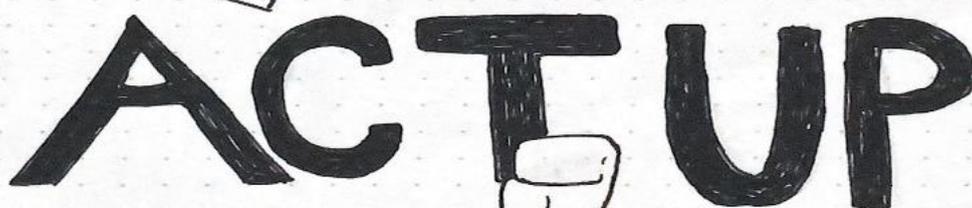


Ilustração 27 - Aids Coalition to Unleash Power

Fonte: Azevedo (2023)

Em umas das vezes indo ao Centro de Tratamento, Sabiá conheceu um homem na fila de atendimento, ambos sabiam o que cada um fazia ali, então pensar sobre a possível sorologia do outro não foi algo difícil. Após esse primeiro encontro inesperado, se aproximaram e iniciaram um relacionamento que durou cerca de três meses.

Depois desse término, Sabiá até foi tentando aos poucos ficar com outras pessoas sem falar sobre o vírus, sobre sua sorologia, mas era pesaroso estar sempre a frente, escondendo os remédios, para que o outro não descobrisse, como se toma um medicamento diário escondido de uma pessoa que está ali, ao seu lado?

Eu sabia que em algum momento eu ia ter que contar. Teve uma vez que eu contei já para um outro parceiro e ele não ficou (...) pediu desculpas, disse que ia ter dificuldade de se relacionar comigo. Foi bem sofrível ter que contar e mesmo assim... tem que respeitar a outra pessoa também.

Essa situação se repetiu por mais duas vezes, então Sabiá decidiu que o mais fácil seria contar sobre antes mesmo de se tornar um envolvimento mais intenso.

Sabiá vivia uma situação mais difícil que a outra, era o fato de ser um homem gay dentro da igreja que namorava outro homem, e agora elaborar uma narrativa sobre sua vivência com o HIV para que facilitasse contar para seu futuro companheiro.

Quando eu ia contar eu chorava, eu não conseguia simplesmente contar. Ter que contar isso era doloroso para mim, mas era também um exercício. Como eu disse, aos poucos, conforme eu ia sendo formado para isso, para entender a minha situação, entender as questões psicológicas, sociais políticas, né, biomédicas, eu ia tendo mais controle da situação. (...) ao mesmo tempo eu me via muito frágil, com medo da negação, né, com medo da rejeição, (...) mas eu tinha que contar.

Sempre que compartilhava sua sorologia com as pessoas com quem se relacionava e elas não demonstravam problema algum, Sabiá se colocava em uma posição de devedor, como se possuísse uma enorme dívida, apenas porque não o discriminavam, criava-se uma gratidão exacerbada que trazia consigo uma supervalorização da pessoa, enquanto Sabiá se colocava em um patamar muito abaixo.

Esse sentimento fez com que Sabiá se mantivesse em um relacionamento com um líder religioso que não nutria nenhum afeto genuíno, ao menos era o que demonstrava. Sabiá ligava e não era atendido, o procurava e era ignorado, nutria um amor que não chegava nem perto de ser recíproco, e havia, novamente, uma gratidão exagerada por ter sido respeitado e aceito.

Em um dos seus relacionamentos, enquanto contava sobre sua condição aos prantos, seu namorado também lhe confidenciou que vivia com HIV. O alívio foi instantâneo, saber que dentro daquela relação ambos vivem a mesma situação e se entendiam dentro daquilo. Infelizmente meses depois ambos terminaram, mas a experiência de viver uma relação onde não havia diferença sorológica, logo não era um problema entre eles, fez com que Sabiá decidisse se relacionar apenas com pessoas que também viviam e conviviam com HIV.

Apesar dessa priorização, a sorologia compatível não é sinônimo de um relacionamento duradouro, Sabiá cria uma ilusão por trás disso. Essa estratégia pode não ser ao todo ilusório, entender que por vezes pessoas que vivem com HIV são preteridas, como ocorreu com Sabiá em alguns relacionamentos, mostra que é necessário se colocar em primeiro lugar e buscar alguém que viva o mesmo.

Isso se deu até Sabiá conhecer seu atual namorado, com quem mora hoje em dia. Logo nas primeiras semanas que se conheceram, Sabiá se abriu com ele e contou, sem rodeios, que vivia com HIV, e para sua surpresa isso não foi problema nenhum, mas dessa vez não houve uma vangloriação, Sabiá já havia entendido que não era correto e justo consigo colocar as pessoas acima dele.

Um dia, época em que não moravam juntos ainda, estavam comemorando o aniversário de seu namorado, e em certo momento o companheiro de Sabiá precisou ir comprar mais bebidas. Antes que voltasse, Sabiá foi ao armário da cozinha a procura de alguns guardanapos, para os convidados, e se deparou com umas caixas de remédios escondidos no meio dos panos de prato, apesar de não saber exatamente do que se tratava Sabiá desconfiava que fossem antirretrovirais.

Quando ele chegou e todo mundo foi embora eu toquei no assunto falei “Olha, me desculpa, eu precisei abrir teu armário (...) e eu vi uns potes de remédio, é o que eu tô pensando?” (...) “É o que tu tá pensando...”. Eu falei “Porque você não me falou? Eu falei para você! Você perdeu a oportunidade de me falar” ele falou que “Não esse assunto é muito particular, eu não sabia se ia dar certo [o relacionamento], eu preferia esperar um pouco mais, eu ia te contar, mas eu preferia esperar um pouco mais”.

Então, inesperadamente, Sabiá descobre que seu companheiro também convivia com HIV, e apesar da individualidade, de ter descoberto por si mesmo em um acidente, e agirem de modos diferentes, não houve problema algum. Desde sempre foi um relacionamento de muito respeito e apoio, e saber que a sorologia de ambos são compatíveis significou muito para Sabiá.

Me parece que o fato de saber que ele também vive com HIV e tem uma saúde boa e tudo deixa o relacionamento mais justo, sabe? Pau a pau, e não tô me sentindo humilhado por eu ter HIV ele não, né, eu tenho e ele tem. (...) o relacionamento tem sido muito saudável. (...) a questão do Hiv tem esses traços que são experiências, né, são treinos, narrativas, ela precisa acontecer. Por uma questão da gente também se ouvir, construir uma narrativa que seja expressão de fato, daquilo que tá no nosso coração, que às vezes a gente não consegue narrar para outra alma.



Ilustração 28 - Sabiá e seu companheiro, 2023

Fonte: Acervo de Sabiá, representação de Azevedo (2023)

Com o tempo suas vivências acabam por se encaixar em algum lugar no mundo, até mesmo o que foge totalmente de seu controle, como sua trajetória com o HIV. Internamente isso já não é um grande problema, se mantendo no tratamento e realizando o check-up de seis em seis meses, Sabiá vive muito bem.

Contar aos outros, a quem entra em sua vida, também não é mais um dilema, afinal, não é como se contássemos sobre absolutamente tudo quando conhecemos alguém, ou como se todas as pessoas que já fazem parte da nossa vida soubessem sobre tudo que nos acontece e o que já aconteceu, ou até mesmo sobre todos os momentos em que ficamos doentes; então por que é que com as pessoas que vivem com HIV precisa ser assim?

Claro, não estamos falando sobre expor alguém, afinal Sabiá nunca interrompeu seu tratamento desde que o iniciou em 2004, o que propiciou uma queda drástica de sua carga viral a ponto de não ser possível detectá-la nos exames e assim tornando-se intransmissível²⁶, mas é preciso entender que podemos e devemos

²⁶ Fonte: <<https://giv.org.br/HIV-e-AIDS/Indetectavel=Intransmissivel/index.html>>. Acesso 05 de

escolher a quem compartilhar certas questões sobre nossa própria vida, inclusive sobre viver ou não com HIV: “eu sempre analiso essa questão de abrir a sorologia para o público”.

Contudo, no aspecto social e político, ainda é um desafio, principalmente no âmbito interno religioso. A Pastoral da Aids é a união da Igreja Católica com o Ministério da Saúde para o enfrentamento do HIV/Aids, porém ainda sim há certa rejeição de padres e bispos com essas atividades desempenhadas, em se falar sobre HIV nos encontros e nas missas, em engajar os trabalhos,

até permitem que o serviço inicie, mas não esboçam nada, sabe, um tipo de apoio financeiro e até dar uma moralzinha assim, mas assim tudo muito reservado. Se a gente pedir “Bispo, grava vídeo para gente”, sabe, já enrola já não quer gravar. Isso eu falo da minha realidade aqui do Pará.

Há uma resistência que, ainda de modo reservado, torna-se explícita, principalmente quando apenas alguns líderes católicos são apresentados como símbolos insurgentes, que apoiam sem ressalvas esses assuntos delicados na igreja.

Para além, Sabiá enfrenta outros problemas, que não incluem sua sexualidade e sua vivência com HIV. A vida adulta como um todo pode ser difícil de administrar: o trabalho, o bem-estar, manter o lazer, relações afetivas (românticas ou não), hábitos saudáveis para se desvincular do álcool e do tabaco e saber, acima de tudo, respeitar seu próprio momento.

(...) é um desafio muito grande, né, coisas da vida adulta, né, administrar todas essas pautas nesses hábitos religiosos... é que é muito esforço, né, mas é isso que eu estou revendo agora, né, então ah, se eu tinha atividade todo mês, então eu vou tentar reduzir de dois em dois meses, né, e aos poucos manter a resistência, né, a permanência, a fidelidade mas com outra metodologia, respeitando também o meu momento. E uma das coisas que vem também muito forte assim quando a gente pensa em desafios, a questão do trabalho. Mesmo tendo um trabalho concursado, uma estabilidade, isso ainda me deixa um pouco me deixa preocupado, né, porque eu já tô com 36 anos e tenho pouquíssimos anos de contribuição na receita, imagina... acho que eu nem vou me aposentar, né, é um problema no país isso sabe, a seguridade social. Mas é isso sabe, unir tudo isso, organizar minha vida pessoal, profissional, né, com essas pautas.

“Quando eu me olho no espelho, eu vejo um futuro incerto”

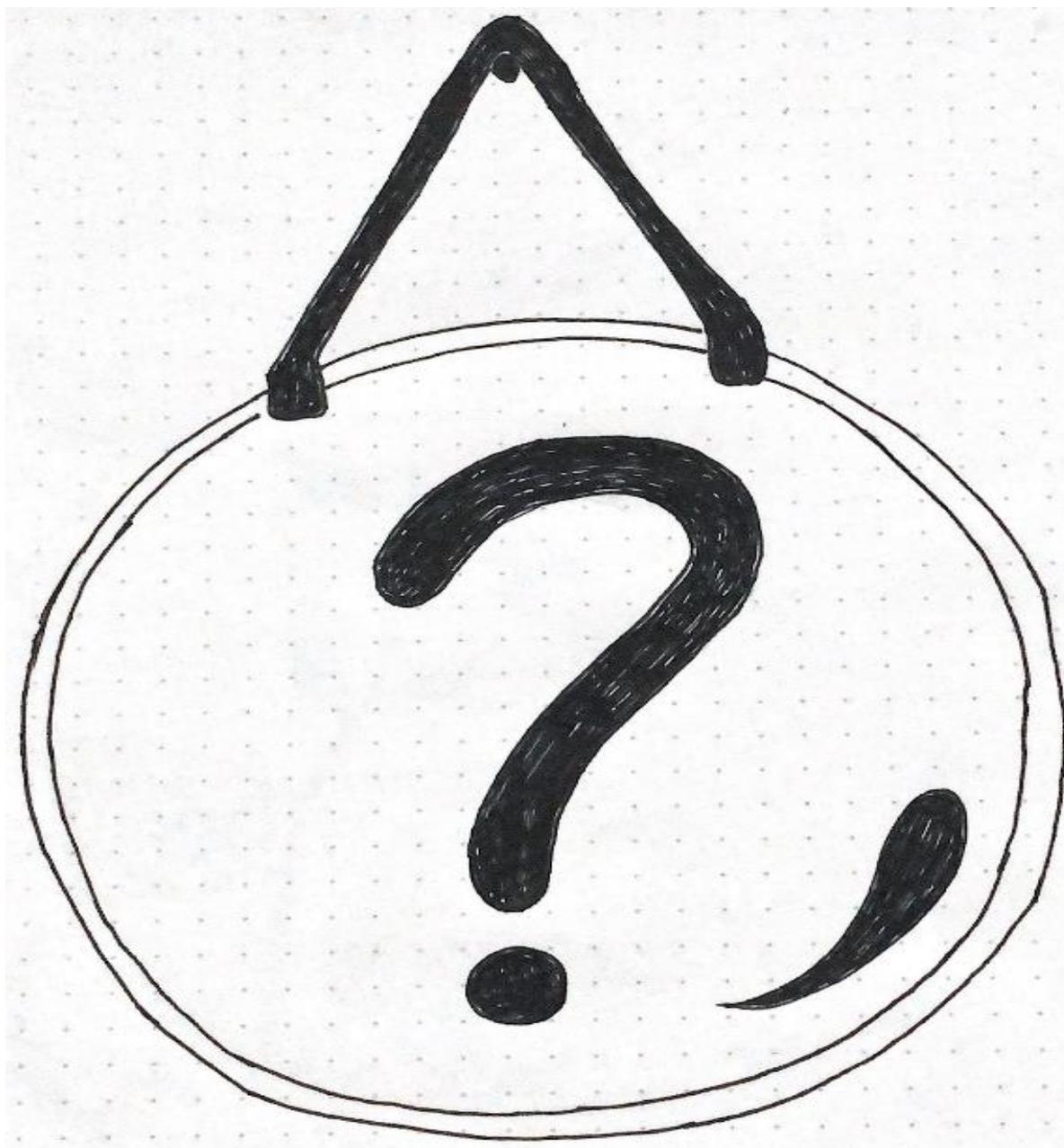


Ilustração 29 - “Espelho, espelho meu, que futuro será o meu?”

Fonte: Azevedo (2023)

Sabiá desempenha diversos papéis e trabalhos na luta contra o HIV, atualmente com seu trabalho no Centro de Tratamento, as percepções que foram se criando são um pouco mais profundas comparadas a sua vivência enquanto militante, até o momento. Seu olhar para com as problemáticas se ampliam, não é apenas uma questão de disseminar informações, acabar com a estigmatização, mas enxergar que

há uma falta até mesmo dos insumos para a realização dos testes, dos exames de rotina, às vezes remédios - nem sempre os antirretrovirais, mas remédios de suporte para tratamento das doenças oportunistas -, falta de ambulâncias, precariedade nas manutenções prediais... Sem falar sobre a necessidade de manter estratégias que dialogam com a descentralização dos tratamentos, mais farmácias com a gratuidade dos medicamentos, e administração do paciente.

A experiência de ser apenas um paciente, indivíduo da sociedade civil, em busca de melhorias para o sua seguridade, é diferente de estar na gestão de outros pacientes soropositivos, encontrar-se no processo educacional deste paciente, ajustando as condutas necessárias para um tratamento mais eficaz.

A sensação é de um envelhecimento voraz, o corpo se cansa, pensar em si mesmo, em outrem e atendê-los, assegurando-os e acolhendo,

(...) a gente diz assim, quem vive com HIV é envelhece muito mais, então eu tenho 36 anos mas o meu corpo, a carga de remédio que eu tomo diariamente, e ainda a incidência política, ela me envelhece no mínimo 10 anos mais, então é como se ele já tivesse de fato 46, né. Logo, quando eu tiver 50 é como se eu tivesse 60 e assim por diante, né, eu tenho essa clareza.

Sabiá tem consciência de que o papel que desempenha no Centro de Tratamento, na Pastoral e na OFS, é importante, mas que também é necessário saber dosar seu próprio investimento físico nesses trabalhos, há um limite para o seu corpo e é preciso respeitá-lo.

No Centro de Tratamento, principalmente, além de todo desgaste físico e mental que ocorre ao lidar com casos mais delicados, Sabiá também lida com questões interpessoais. Em um ambiente que trabalham profissionais concursados e pessoas que vivem com HIV, estes reivindicam constantemente seu lugar de fala²⁷, “o presidente da África do Sul, um ativista do TAC, uma enfermeira trabalhando em uma clínica rural (...), e uma pessoa que vive com Aids em um barraco não compartilham o mesmo entendimento ou representação do problema, suas causas e soluções” (Fassin, p.14, 2007, tradução minha).

(...) essa ligação com o serviço é uma ligação de vida ou morte, ela nos referenda muito mais ao serviço e isso impacta. Eles [os profissionais concursados] têm essa essa sensação e é importante que eles tenham sim, porque tem gente ali que quer estar trabalhando no ambiente, mas para beneficiar a si próprio e não para servir a política pública.

²⁷ Refere-se a propriedade discursiva do interlocutor sobre determinado tema/assunto devido sua realidade, suas experiências e vivências (Ribeiro, 2017).

O trabalho na Pastoral, voluntário, acaba por ser mais esporádico e um pouco diferente, Sabiá frequenta todos os dias o Centro, afinal possui um contrato a seguir, e não se trata apenas de acolhimento, aconselhamento, lá há os mais diversos casos, desde internação dos doentes devido a complicação da Aids até consultas rotineiras.

A falta estrutural também adoce e sobrecarrega, devido a falta de um meio para contato, Sabiá fornece seu número particular aos pacientes, cerca de 500 pacientes possuem seu número. Muitos que fazem tratamento ali vêm de bairros periféricos e carentes, moram em bairros que ficam consideravelmente longe do Centro de Tratamento, muitas vezes não possuem sequer o dinheiro para a passagem do ônibus para chegar até lá.

Ao fornecer seu número de celular cria-se um laço com os pacientes, é uma demonstração de cuidado e afeto. Muitos ligam e mandam mensagem para Sabiá, buscando informações, ajuda, acolhimento, e ele se compromete assumindo um papel que, talvez, devesse ser governamental, mas para ele “a mudança, ela não necessita (...) de grandes estruturas, ela precisa de iniciativas corajosas”.

Houve inúmeras mudanças no planejamento de sua vida, várias vezes Sabiá teve que refazer seus projetos. Ele imaginava que viveria uma vida de sacerdócio, estável, mais estruturado, mas não foi o que ocorreu, porém Sabiá encontrou outras formas de viver uma vida religiosa, ainda que com seus percalços.

Desde a adolescência, em certa idade, entendeu que definitivamente a pauta LGBT fazia parte de sua vida, nunca imaginou que anos mais tarde também lidaria com a causa do HIV, afinal não é algo que naturalmente se imagina, e assim, essas questões, tornaram-se um propósito de vida.



Ilustração 30 - Representação da bandeira LGBTQIAP+

Fonte: Azevedo (2023)

Não há uma perspectiva alta em relação a bens materiais, mas deseja ser alguém reconhecido pelos seus feitos,

me dedico também para fazer memória dessa caminhada de tantas, de tantas pessoas que passaram por essa causa, e quero deixar meu legado para o Futuro dizer assim "Ó em Belém do Pará tinha uma pessoa [Sabiá] que ajudava nisso na igreja. Ele foi uma liderança da Pastoral, ele colaborou para que muitos jovens não adoecessem, não piorassem ou até mesmo a se prevenirem do HIV!

Esse cuidado, que Sabiá desenvolveu ao passar dos anos, também se reflete em um desejo parental. Antes de se relacionar, definitivamente, com seu atual companheiro chegou a pensar na possibilidade de se casar com uma mulher e ter filhos. A ideia de ser pai ainda se mantém com uma possível adoção, mas com o

tempo, percebeu que, principalmente, com seu trabalho na Pastoral - de cuidado, acolhimento -, era exercida um certo tipo paternidade fraternal²⁸.

“Eu gosto de ser quem eu sou, eu gosto da minha aparência, (...) do meu caráter”

Acredito que, todo mundo, em algum momento para e reflete sobre sua própria vida, sobre suas escolhas e os caminhos traçados, e percebe que o trajeto envolve além de si próprio: a família, os amigos, os que são apenas conhecidos e até mesmo os desconhecidos; uma multidão de sujeitos estão, de alguma forma, ligados a história de vida que se constrói.



Ilustração 31 - Sabiá e amigos da Pastoral, 2012

Fonte: Acervo de Sabiá, representação de Azevedo (2023)

²⁸ Algo como uma paternidade socioafetiva, onde não há vínculos sanguíneos, mas há o afeto, o respeito e muitas vezes um tratamento de pai e filho (Gaspary, 2018). Atualmente, cerca de 10 a 20 indivíduos são auxiliados de modo mais caridoso e próximo por Sabiá, de tal forma que se estabelece uma relação em que Sabiá representa a imagem de um pai cuidadoso.

Sabiá tem um singelo apreço por ser quem é, entretanto, compreende que a falta de recurso teve um impacto negativo em sua vida. Talvez com um melhor amparo social tivesse feito uma faculdade mais cedo, ainda no início da juventude, e agora já mestre estaria concluindo o último período do doutorado, quem sabe até mesmo concursado com um emprego estável, uma moradia própria, proficiência em alguma língua estrangeira, o carro do ano, financiamento para as atividades de caridade. Quem sabe?

Por outro lado eu também não posso me queixar, porque a gente olha para uma juventude que imagina, né. Eu poderia ter me perdido para as drogas, eu poderia não ter feito faculdade, como eu tenho amigos que não fizeram, né, eu poderia também, poderia estar muito pior.

É tudo um grande 'e se', se tudo fosse diferente, será possível que Sabiá se mantivesse sendo quem é? É uma questão de perspectiva, a vida do jeitinho que ela foi e é, para Sabiá, o fez ser quem ele é. Até mesmo as problemáticas, como a expulsão do convento e o fato de ter que refazer seu projeto de vida.

Provavelmente já se ouviu, de alguém mais velho, que se a vida fosse mais fácil as pessoas não dariam o devido valor a ela. Eu não acredito nisso, é como institucionalizar o sofrimento: é preciso sofrer para aprender a agradecer. Na verdade, me parece ser algo sobre um bom caráter e consciência social, valores nítidos em Sabiá e refletidos em seus trabalhos de caridade e cuidado para com o outro - existente antes mesmo de se descobrir soropositivo.

Sabiá possui exemplos de pessoas que conseguiram se estabilizar mais na vida, após uma criação mais humilde como a sua, e que deixaram de lado a fraternidade e os ensinamentos de São Francisco²⁹, para viverem por si próprio.

Eu percebo também que tem colegas meus que já tem sua casa própria, já estão concursados, mas também não fazem caridade, não tem compromisso social, não pensa no próximo, e aí já não me atrai também, esse projeto de vida. Entre uma coisa e outra eu prefiro ser quem eu sou.

Sabiá é um homem sonhador e corajoso, corajoso o suficiente para transformar seus sonhos em realidade. Possui consciência da sua potência, de ser um homem, negro, gay, brasileiro, que não desiste, principalmente, porque muitas mãos o levantaram e levantam-no.

²⁹ "Amigo de todas as criaturas e de toda a criação, espalhou tanta solicitude, compreensão fraternal a todos, caridade no sentido mais elevado, quer dizer, amor (...)." (Le Goff, p. 44, 2001).

Diria que paz e justiça social são seus sonhos mais simples, ainda há mais profundidade no que torna-se realidade e é palpável, e se transforma em ações de gratidão, “fazendo o bem sem olhar a quem” a medida em que impulsiona sua própria vida e a vida do outro: “é o pastoreio, (...) o outro me ajuda a crescer”.

Verdadeiramente? Busco viver minha verdade, fazer o bem. Fazer o bem para as pessoas, para mim mesmo, apesar dos pesares, eu sou um homem do bem. (...) tenho convicção das minhas fragilidades que vieram no pacote, (...) procuro ter mais autocontrole (...) buscando um equilíbrio. (...) eu sou um cristão, (...) eu me considero um profeta³⁰.

³⁰ Assim como São Francisco de Assis, “Tomando e dando como modelo o próprio Cristo e não mais seus apóstolos (...)” (Idem, p. 113, 2001).

CAPÍTULO 3 - Sabiá sabe assobiar



Ilustração 32 - Sabiá assobiando

Fonte: Acervo de Sabiá, reprodução de Azevedo (2023)

Nessa biografema, que primoldiamente desenvolve-se nas páginas anteriores, reverbera algumas temáticas que vão surgindo no decorrer da vida de Sabiá. Algumas delas aparecem a todo momento, outras surgem em ocasiões específicas e passam a fazer parte de sua vida a partir daquele momento e para sempre; aqui as explico.

“Novamente eu retomo a fé”

Quando alguém vem de uma família religiosa é quase normal ouvir “Ah, eu cresci na igreja!”, eu mesma sempre falo isso - inclusive até mesmo nesta dissertação - como um modo de mostrar que entende sobre determinado assunto, referências e coisas do tipo.

Sabiá é desses, cresceu na igreja. Desde a infância indo com sua avó para as missas, mais tarde, já na adolescência, fazendo parte de grupos de coral e outras atividades, na juventude tudo se estreitou ainda mais e até entrou para o seminário, com o intuito de voltar-se integralmente para a religião, sempre através do catolicismo.

Mesmo após sua saída do convento, esse cultivo de espiritualidade se mantém e transforma-se, devido a alguns acontecimentos que alteram sua percepção sobre a vida e sobre o outro, a religião então passa a ser essencial para a vivência de sua fé (Hahn, 2014) e traz um novo sentido ao seu viver.

Esse cultivo religioso, que aparece como uma herança familiar, torna-se o estruturador de sua vida, do mesmo modo que hora põe fim a seu projeto de vida, outrora renova-o,

porque a fé é uma estrutura de valores significativos para existência humana, que mostra a cada um o que deve fazer e como deve estruturar a sua vida, além de ser um princípio cognoscitivo que permite distinguir o que é importante (...). (Ahlert, 2007).

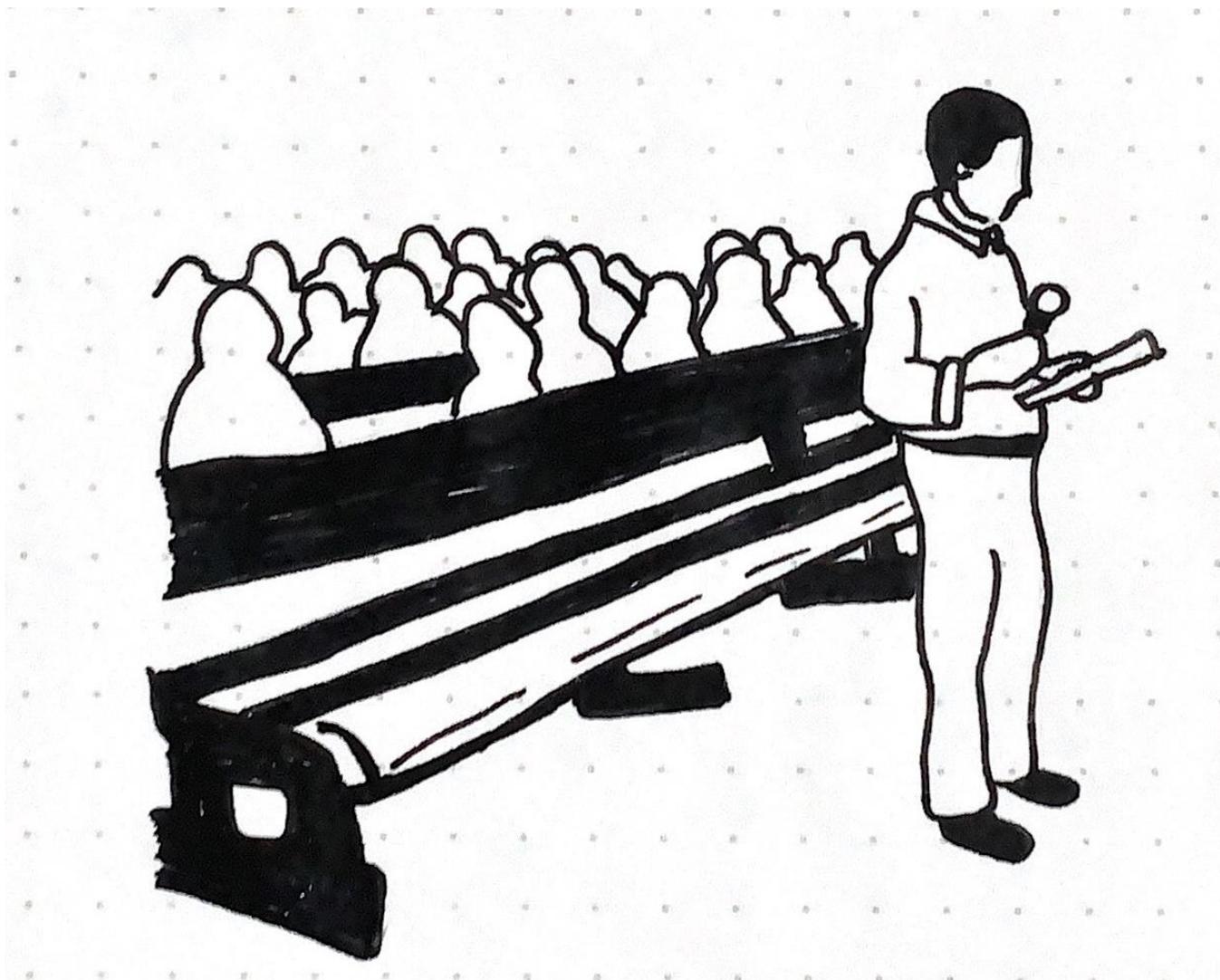


Ilustração 33 - Leitura da profissão na OFS, 2017

Fonte: Acervo de Sabiá, representação de Azevedo (2023)

Entretanto, a instituição religiosa, conforme o que é contado, nem sempre foi de grande afeto para com Sabiá, e com instituição religiosa, refiro-me a ideologia³¹, pregada por meio dos dogmas, o que se acredita - para além do divino ou até mesmo o que o divino doutrina sobre o que é correto, o que é errado, o que é pecado, quem vai para o paraíso e quem não irá.

Assim como a ideia de fé surge desde pequeno, seu jeito de ser é moldado por meio de sua criação. Rodeado pelas mulheres da sua família, muito mais do que pelos

³¹ No livro *A Ideologia Alemã* (2007), Marx e Engels, conceituam o termo *ideologia* como sendo parte de uma superestrutura social, moldada e influenciada pelas relações de poder, e tem como uma de suas funções, justamente, legitimar as desigualdades e perpetuar o status quo.

homens, Sabiá se expressa de modo mais delicado, o que é associado ao jeito feminino de ser.

Esse jeito foi alvo de muitas críticas dentro da igreja, lugar em que sofreu discriminação até mesmo quando era apenas uma criança. As formas pejorativas de se referirem a ele, devido seu modo de ser, pioraram drasticamente quando assumiu-se gay.

“As vezes é um problema um gay na igreja”

A história da Igreja Católica com sexualidades e personalidades dissidentes não é das melhores. A Santa Inquisição foi uma caçada às bruxas, com interrogatórios, torturas e assassinatos, visando a purificação, uma política e prática, além de genocida, totalmente higienista, punindo todo e qualquer indivíduo que oferecesse qualquer “perigo” ortodoxo (Mott, 2011).

A homossexualidade ainda sim é vista como uma dissidência e como um pecado, mas as formas punitivas já não são as mesmas, são mais discretas. Como desde a infância, antes mesmo de se entender sexualmente, sofria com “piadinhas” sobre ser gay, Sabiá manteve sua orientação sexual, e alguns relacionamentos, às escondidas.

Apesar disso, ainda sim, de certa forma, foi punido. Primeiro foi expulso do convento, anos mais tarde sofreu com uma constante difamação que o levou a realizar um boletim de ocorrência por homofobia. Mesmo com sua benfeitoria dentro da Igreja, sua valorização custa muito, pois relacionar-se com outro homem é praticamente associado a história bíblica de Sodoma e Gomorra - cidades incendiadas por fogo celestial por cometerem pecado de morte.



Ilustração 34 - Releitura de Sodoma e Gomorra

Fonte: Azevedo (2023)

A vida de Sabiá é feita de *altos e altos*. No momento que se permite, - desvinculando-se da culpa que a Igreja insistia em colocar sobre ele, passa por suas próprias descobertas sexuais e apaixonou-se - é exposto a uma situação de risco e contaminado pelo HIV. Esse acontecimento iniciou uma nova fase em sua vida pessoal e religiosa.

“No HIV é outro luto”

Quando expulso do seminário o sentimento que desenvolveu foi de luto, como se, de fato, algo morresse. Agora, descoberto o HIV, o sentimento se repetiu, sem informações adequadas, com uma percepção criada a partir de estigmas, esse luto aparece como antecipador da sua morte - ao menos a ideia dela.

Por sorte de sua própria consciência, a busca por informações o tirou desse limbo que ele mesmo criara. Há uma diferença entre você mesmo se condenar e ser condenado pelos outros, sempre penso que se você não é capaz de se olhar com empatia, quem será capaz de fazer isso por você?

Mas a questão não é essa, a questão é o fato das informações terem sido libertadoras para Sabiá. Nesse processo todo em ser diagnosticado, realizar os exames de rotina, buscar mais informações, houve outras muitas questões que precisaram ser lidadas com paciência, principalmente consigo mesmo.

Era como se houvesse surgido um trio, onde um dos participantes não se dá muito bem com os outros dois: a igreja, sua sexualidade e agora o HIV. Para quem olha de fora da vida, de fora do problema, parece ser fácil de resolver, “É só deixar a igreja ‘pra’ lá, a gente não precisa de construções de concreto para ter fé” - eu mesma já ouvi muito isso ante a qualquer questionamento ou problema.

Mas Sabiá, de fato, possui uma vocação, isso é nítido. Deixar para lá não é do seu feitio, se os problemas existem logo a solução também encontra-se por aí, é só procurar, pensar, que hora ou outra aparecerá. E apareceu.

As redes de apoio que surgiram no seu caminho foram de extrema importância, até mesmo as que não tinham vínculo algum com a Igreja Católica. A Pastoral Nacional da Aids foi como a cereja do bolo, ela apareceu e conectou tudo novamente, Sabiá se sentiu altivo mais uma vez.

Além de ser acolhido por pessoas que estavam lidando com o HIV como ele, também fortalecia sua fé cultivando sua espiritualidade em um local que o aceitavam. De modo geral, a Pastoral acaba por também ser alvo de críticas e negligências dentro da Igreja Católica, mas o ambiente que se cria entre os agentes e os acolhidos foi essencial para o fortalecimento físico e espiritual de Sabiá.

Assim, aos poucos, Sabiá se compreende nesse novo momento, e passa a entender melhor sua condição. As problemáticas surgem dentro de adversidades

psicossociais, nem sempre de ordem biológica, envoltos de uma falta de consciência alheia que fomenta o estigma e a discriminação.

(...) é inegável que (...) ainda carrega um rol de preconceitos grandes, o que faz com que tal doença tenha significados e olhares particulares para todos os indivíduos que convivem com ela (Brien et al apud Ferreira et al ., 2012).

Dentro da Ordem Franciscana Secular também se deparou com olhares tortos, narizes torcidos, caras feias, mas a renovação de sua fé, que não dependia dessas pessoas, foi e é primordial para a ressignificação de sua vida e a reorganização de sua trajetória na religião.

CONSIDERAÇÕES [QUE ESTÃO LONGE DE SER] FINAIS

Questiono-me se é possível concluir algo sobre a vida de alguém quando na verdade é difícil até mesmo concluir alguma coisa sobre nossa própria vida. É claro, as conclusões que aqui serão apresentadas ocorrem em um teor teórico, estão longe de dar conta das vivências relatadas por Sabiá, e tão pouco sou capaz de imaginar os próximos capítulos.

No livro *Vita: Life in Zone of Social Abandonment* (2005), João Biehl atesta o papel do antropólogo no ouvir, olhar, analisar, escrever sobre outra vida e sua história:

Como antropólogos (...) somos desafiados a ouvir as pessoas – a sua auto-compreensão, a sua narrativa, o seu próprio trabalho conceptual – mais como leitores e escritores do que como diagnosticadores ou teóricos, com deliberada abertura à vida em todas as suas refrações. (p. 365)

Retomo isso para mim, enquanto conto a história de vida de Sabiá, entendendo que o papel que quero - e tentei - desempenhar aqui é o de ouvinte, sendo apenas um canal que comunica uma realidade, a qual não vivo.

Entretanto, o sentimento realmente é de que estive longe de chegar minimamente perto de representar o que me foi contado. As histórias corriam pelos meus ouvidos e minha mente fervilhava em ilustrações, como um gibi, imaginando tudo que Sabiá me dizia, e de alguma forma me sentia como uma telespectadora da sua vida, como se na verdade fosse um filme.

Quando solicitei fotos e Sabiá me entregou praticamente um álbum, as histórias me impactaram ainda mais. Cada pessoa que aparecia, pelo menos a maioria, agora possuíam um rosto para mim e tudo só faria sentido se elas também aparecessem por aqui, acredito ser uma parte fundamental nesta biografema, assim como as próprias palavras, os desenhos são os traços biografemáticos, o que pode passar despercebido por um simples olhar (Feil, 2019).

O biografema me apresenta possibilidades que uma etnobiografia (Kofes e Manica, 2015) ou até mesmo uma biografia (Silva, 2019) não mostraram, através deste se produz uma nova escritura, algo reinventado por meio do que já existe, possibilitando se ater mais às sensibilidades, em uma nova produção textual, que não serve apenas como uma escrita acadêmica e informativa (Idem), aqui também se presta um propósito social: expor temáticas que são tão importantes quanto uma vivência positiva, de forma que o HIV seja vista como um traço e não uma identidade,

como algo que faz parte e não é o todo, sem que o indivíduo se resuma a isso, mas compreendendo que antecem e procedem muito mais que um vírus.

Essa pesquisa biografemática³² apresenta três traços que podem ser considerados os principais em toda a história de Sabiá, como os aponto no capítulo três desta dissertação, sendo eles a fé, a sexualidade e mais tarde o HIV. Apesar de se desenvolverem em momentos distintos, no decorrer da história de vida de Sabiá, há momentos em que acabam entrecruzando-se e até agindo como suporte um para o outro.

A fé, primeiro traço biografemático que aparece na história, se apresenta enquanto Sabiá ainda era apenas uma criança acompanhando sua avó nas missas. Até certo ponto a fé era apenas uma *abstração*³³ que unia ele a sua avó, algo que dividiam, mas a medida em que foi crescendo a igreja tornou-se também um local usado como um meio para retirar Sabiá dos perigos da rua – violência, tráfico, acidentes - ainda que, como ele conta, na adolescência há uma série de episódios que ocorrem nas ruas com seus amigos.

Apesar dessa noção de fé aparecer bem etérea na infância, na adolescência Sabiá leva esse hábito e esse cultivo como algo tão sério a ponto de cogitar, e até estudar para uma vida religiosa, voltada inteiramente para os trabalhos da igreja. A fé sempre aparece para Sabiá como um combustível e a religião acaba por se tornar um norte.

Clifford Geertz (1973) elaborou a religião como aquela capacidade humana de construir sentido diante de situações limitantes – a experiência religiosa é encontrada onde os recursos culturais falham, diz ele, onde o nosso equipamento para viver ameaça quebrar diante da mudança radicalmente inexplicável, dolorosamente insuportável ou injustificável. (Biehl, 2007).

O segundo traço que se apresenta é sua sexualidade, mas antes mesmo de ter desejos sexuais por outrem, o jeito de Sabiá foi constantemente usado como sinônimo de orientação sexual, seus *trejeitos*, como ele mesmo conta, eram sempre julgados e alvo de críticas e xingamentos.

Harold Garfinkel (1967) concebe uma noção de *passing* – termo este que não possui uma tradução exata - a partir da história de Agnes, uma mulher que se

³² Seil (2019) diz que a pesquisa biografemática pode ser entendida como “um modo de lidar com a biografia sem se limitar à história referenciada, o que em outras palavras quer dizer história de vida do Sujeito” (p. 6).

³³ De forma mais figurativa, como ainda era uma criança não participava desse cultivo espiritual em conjunto com sua vó, isso só surgirá a partir da adolescência.

apresenta enquanto hermafrodita. Agnes possui todas as características atribuídas as mulheres: um rosto fino, sem pêlos faciais mais grossos (como uma barba), traços delicados e também um jeito de ser meigo; porém com órgão genital desconexo a essa realidade, Agnes possuía um pênis.

Suas características físicas não eram suficientes para ser lida enquanto mulher, dessa forma, se espelhando nas mulheres – já biologicamente concebidas como tal – ao seu redor, usufruía do *passing*, dos *trejeitos* de outrem, para que fosse mais semelhante o possível e assim não tivesse seus pronomes trocados, ou até mesmo não fosse tratada como sendo um homem.

Porém, mais tarde revela-se que, na verdade, trata-se de uma mulher transsexual, que por usufruir de uma terapia hormonal, de sua mãe, desde pequena passou a apresentar as características físicas entendidas como femininas, mas ainda buscava pela cirurgia de redefinição sexual, de modo que seu genital se alinhasse com todo o resto.

Óbviamente, ao que se mostra até aqui, esse não é o caso de Sabiá. Na realidade, seus *trejeitos* derivam de uma criação que se deu, principalmente, por mulheres, as figuras masculinas não foram tão presentes, e por isso acabou por se espelhar em sua avó e em suas irmãs, desenvolvendo um meneio até que performático na visão alheia.

A conceitualização de performance ocorre com a cena Drag Queen, “um exemplo paradigmático da produção da feminilidade” (Preciado, 2000), e por diferenciar tanto do usual acaba por receber olhares tortos: o jeito de Sabiá sempre visto de forma pejorativa, mesmo quando criança sem que tivesse ainda uma noção do que se tratava sua sexualidade e seus desejos.

Quando Sabiá passa pela descoberta sexual, e relacionando-se majoritadamente com homens, foi como se confirmasse o que outrora ele já aparentava ser, mesmo que seu modo de ser tenha sido influenciado muito mais pela sua criação – por mulheres e em um ambiente religioso – do que de fato por um desejo homossexual.

Por fim, na juventude, se sucede a contaminação por HIV, e assim como a fé, a sexualidade, seus *trejeitos*, torna-se um traço biografemático de muita importância em sua história. Apesar de Sabiá, atualmente, não ter mais problemas em dividir com as pessoas o fato de ser soropositivo, não são todos ao seu redor que têm conhecimento sobre, ainda que trabalhe na Pastoral Nacional da Aids e em prol da prevenção do HIV – afinal esse é um trabalho que deve ser de todos.

Nesse momento, a fé surge como suporte atuante em uma perspectiva de apoio no enfrentamento do adoecimento, e também vista como uma matriz de conforto (Ferreira et al, 2012), entretanto a igreja em si não foi conivente com essa assistência.

Luis, paciente da instituição Caasah, também entende que a fé foi de extrema importância no momento em que descobriu-se soropositivo, mas principalmente para a sua adesão aos antirretrovirais, porém considera que as organizações religiosas são fraudulentas, e não agem de acordo com o que se prega (Biehl, 2007).

Didier Fassin (2007), na pesquisa em que realiza na África do Sul, retrata uma interlocutora que estava morrendo devido a intercorrências da Aids e mesmo diante de sua condição, a qual ela tinha consciência, proclama sua fé na Igreja Metodista e logo após anunciar sua própria morte, mostra sua força de vontade para viver, “é a religião que lhe dá a esperança a qual ela se apega.” (p. 229). Dessa forma ocorre com Sabiá, a religião, a fé torna-se uma sustentação, não só de sua alma – uma vez que a agência curativa da religião se manifesta na alma (Pinho, 2010) -, mas do seu próprio físico e de sua força para viver.

Diante desses três traços principais, penso que muito mais do que o HIV, como a estigmatização apresenta, que, na verdade, a fé é o que deveria ser ligeiramente associado a Sabiá, uma vez que, em toda sua vivência até o presente momento, foi o que o moldou, seu jeito caridoso e amoroso – mesmo visto com maus olhos -, seu projeto de vida inicial, seus trabalhos voluntários. De algum modo, toda sua vida é permeada pela fé.

Esse biografema, com o intuito de alavancar novas percepções sobre a vida das pessoas que vivem e convivem com o HIV, é apenas o início, mas através da trajetória de Sabiá torna-se perceptível que o viver com o HIV não altera a identidade de ninguém, além de expor o quão necessário é ir para além dos números, da estatística, ter um olhar mais sensível (Causey, 2017).

A exatidão, através da representação numérica, acaba por afastar a emoção, uma vez que atua em conjunto com a racionalidade, então pensar em números não necessariamente nos leva a compreender a individualidade existente por trás daquela representação numérica: são mais de **84 milhões**³⁴ de pessoas infectadas por HIV desde o início da epidemia. Esses números estatísticos são de extrema importância, inclusive para a criação de políticas públicas, mas eles não devem ser desassociados

³⁴ Fonte: [<https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2023/fevereiro/mais-de-52-mil-jovens-de-15-a-24-anos-com-hiv-evoluiram-para-aids-nos-ultimos-dez-anos>]. Acesso 03 de Julho de 2023.

a quem são referidos, sabemos que são 84 milhões de pessoas vivendo com HIV, agora a pergunta que deve ser feita é: quem são essas 84 milhões de pessoas?

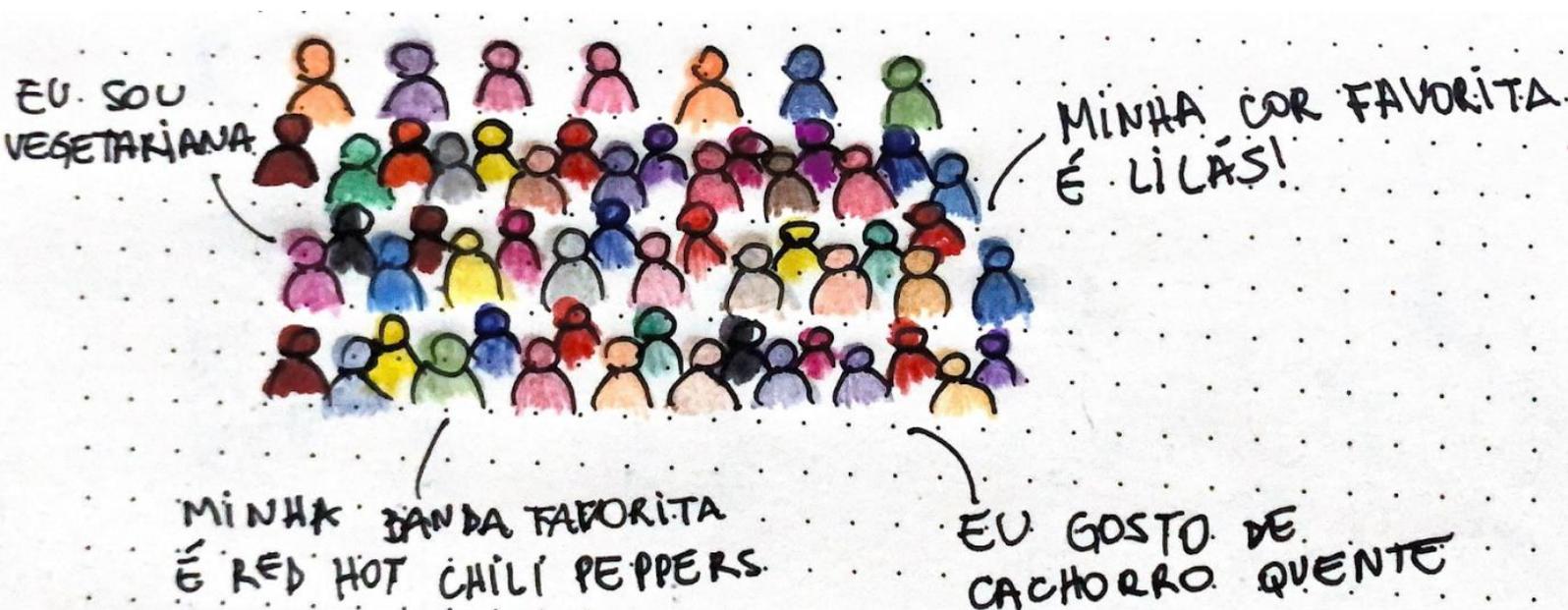


Ilustração 35 - A diferença entre nós

Fonte: Azevedo (2023)

A sensação é que juntar um grupo de pessoas e transformá-lo em um número deixa mais fácil lidar com certas questões, porque quando tiramos aquilo que as diferencia e no lugar colocamos algo que as torna todas iguais, acabamos por afastar de nós, que somos: diferentes, individuais, únicos. E quando nos afastamos de algo, que tornou-se visualmente indiferente, parece que já não nos importa, porque não nos prende a atenção, afinal, por qual motivo eu me importaria com algo tão trivial?

Sabiá é frequentemente colocado dentro de *caixinhas*³⁵, marcado por atravessamentos, por intersecções: é um homem negro, do Norte, bissexual, em um relacionamento homoafetivo. Ele não é colocado em uma mesma categoria que um homem cis branco, nessa especificação o que possuem em comum é o fato de serem homens e cis. Também não seria colocado juntamente com héteros, pois sua sexualidade diferencia-se desta.

³⁵ “Os sujeitos são epifenômenos, construídos por regimes discursivos culturalmente específicos (marcados por raça, gênero, orientação sexual e assim por diante), e a própria subjetividade é mais propriamente vista como consequência de ações, comportamento ou ‘performatividade’ do que como sua fonte... Os eus são múltiplos e fraturados em vez de unitários, móveis em vez de estáveis, porosos em vez de fechados, constituídos externamente em vez de interno ou de essência natural.” (Biehl, Good e Kleinman, 2007).

Não há como colocar todos os indivíduos em uma mesma especificação, existem diferenças que vão além de física e psicológicas - e até mesmo essas diferenças podem ser derivadas de outras questões como, por exemplo, raça, classe social, sexualidade, gênero -, então sim, há importância nessas *caixinhas*, nos números, mas não quando são vazios de significado, pura estatística desumana.

Em *Will to live: Aids therapies and politics of survival* (2007), no capítulo três mais especificamente, João Biehl expõe a necessidade de aprimorar o sistema metodológico do censo que quantifica as pessoas que vivem com HIV/Aids, pois conforme sua pesquisa dispõe, há muitas pessoas que vivenciam complicações decorrentes da Aids sem tratamento e auxílio médico e governamental adequados.

Um dos médicos pesquisadores, que busca otimizar os tratamentos e as internações, diz defender a ciência, porque “a ciência faz as pessoas serem iguais por meio do conhecimento” (p. 232, tradução minha), mas as pessoas, de fato, podem ser consideradas iguais?

Se realmente todos fossem considerados iguais, por meio da ciência e do conhecimento que ela produz, então, supostamente, não haveria casos de indivíduos que carecem de antirretrovirais para o tratamento de HIV e muito menos casos de Aids e de mortes decorrentes de doenças oportunistas.

A ciência é elitista, não apenas dentro de questões voltadas ao HIV, mas biomédicas de forma geral. Preciado em seu livro *Texto Junkie: Sexo, Drogas e Biopolítica* (2018) traz essa reflexão falando sobre a criação de pílulas do dia seguinte que, enquanto para as mulheres brancas estadunidenses era vendidas como sinônimo de liberdade sexual – poder escolher entre ter ou não filhos -, era utilizada como uma forma de castração química em mulheres caribenhas, exercendo um controle governamental de seus corpos não-brancos, sendo colocadas a margem da sociedade e vistas apenas como marginais excluídos (Biehl, 2007).

Talvez o problema não seja nem mesmo a categorização, a existência dessas *caixinhas*, mas o motivo pelo qual a utilizam: são uma solução para a falta de investimento em um segmento específico da sociedade ou apenas para criar ainda mais argumentos que mantenham esses indivíduos marginalizados? João Biehl acaba por responder esse questionamento:

(...) racismo impacta a saúde porque os negros recebem cuidados precários e não são abordados nas campanhas de prevenção. A violência da vida cotidiana é reforçada, nesse caso, por contextos organizacionais entrelaçados e discriminatórios que super determinam a Aids como falha médica.” (p. 390, tradução minha).

Quando o foco se torna apenas uma questão numérica, os indivíduos, a quem exemplifica o numeral, são colocados em uma mesma caixinha e são tratados todos da mesma forma: “uma comunidade de párias” (Sontag, p. 86, 2007), não sendo somente afastados, mas passam a ser expostos a uma experiência de discriminação e perseguição.

(...) **a construção da doença baseou-se em conceitos que separavam um grupo humano de outro** - os doentes dos sãos, as pessoas que têm arc das que têm Aids, “**eles**” de “**nós**” (IDEM, p. 90, **grifo meu**)

Sontag (2007), explica que a Aids, ao se tornar “conhecida”, passa a ser entendida da mesma forma como a sífilis outrora fora concebida, “representava um castigo para o indivíduo transgressor (...) vinha para punir toda uma comunidade licenciosa” (p. 100), e esse indivíduo, considerado uma *pessoa poluente*, é aquela errada, ainda que a forma com que se infectou fosse em uma circunstância acidental.

Hoje sabemos que o HIV não é transmitido apenas sexualmente, há a transmissão vertical - quando o bebê é contaminado no parto -, a contaminação por compartilhamento de objetos perfurocortantes já infectados, e também por meio de uma transfusão de sangue contaminado, mas ainda que haja essas informações, o discurso persistente é parte de um juízo e pânico moral, sempre assinado por algum deus.

É claro, é muito mais fácil se utilizamos um ser supremo para lidar com nossos próprios preconceitos e culpar os doentes - sem pensar sobre a responsabilidade social em uma epidemia que deve ser vista como um problema de saúde pública. Torna-se mais simples entender como uma “vingança da natureza” (Sales apud Sontag, p. 112, 2007), pois ajuda a nos afastar ainda mais da ameaça dessa *peste* que os *promíscuos trouxeram ao mundo*.

Tal é o poder, a eficácia extraordinária da **metáfora da peste**: ela permite que uma doença seja encarada ao mesmo tempo como um **castigo merecido por um grupo de “outros”** vulneráveis e como uma doença que potencialmente ameaça a todos. (Idem).

Isso foi escrito em 1988, há 35 anos, muita coisa mudou, as informações chegam mais rápido às pessoas e mais pessoas, do que na década de 90, possuem acesso a elas. A indústria farmacêutica e biomédica foi capaz de criar novas tecnologias para prevenção e tratamento ao HIV, entretanto a consciência social - acerca deste vírus e das pessoas que convivem com ele – permanece praticamente a mesma.

A ciclicidade desse discurso nocivo se fundamenta, principalmente, na política e na religião, com ideias que corroboram a resistência da estigmatização acerca do HIV/Aids. Infelizmente, nesses casos e na maioria das vezes daqueles que fazem uso dessa episteme, uma acaba por complementar a outra, a política cria um elo com a religião - e vice-versa.

A Aids é uma das principais preocupações daqueles que formulam suas propostas políticas como questões de psicologia social: de amor-próprio e autoconfiança nacionais. Embora esses especialistas em sentimentos negativos ressaltem que a Aids é um castigo à perversão sexual, o ódio aos homossexuais não é o seu único motivo (...). (...) nossa sociedade não poderia deixar de encará-la como algo que ameaça toda a civilização. E ao mesmo tempo que se acentua o valor metafórico da Aids, fomentando-se os temores referentes à sua facilidade de transmissão, à iminência de sua difusão generalizada, nem por isso é afetada a convicção de que a doença é, acima de tudo, uma consequência de atos ilícitos (ou do atraso econômico e cultural). (Sontag, p.115. 2007)

Essas concepções crescem vertiginosamente, como se alimentadas por fermento biológico, mas na verdade se alastram por meio do desconhecimento e por isso florescem profundamente na ignorância. E não é apenas esse discurso raso e nocivo sobre HIV/Aids, é sobretudo o que não é esperado e que não pode ser controlado, que é dissidente, fora da normatização, assim como a raça, sexualidade e sorologia de Sabiá.

Talvez essas questões pareçam óbvias, mas a verdade é que até mesmo o óbvio precisa ser constantemente dito e repetido, porque se fosse, realmente, tão óbvio estaríamos nós revivendo certas situações³⁶ a qual temos outras histórias para nos espelhar?

Quem sabe seja isso que James Clifford (2016) quer dizer sobre etnografia multidisciplinar: em todos os parágrafos anteriores uma história é escrita – como uma prosa narrativa - onde borram-se as fronteiras entre ficção e realidade; para além desses borrões há contextualizações históricas que refletem em acontecimentos atuais e também pontuais na história de vida de Sabiá, principalmente, sobre saúde, religião e sexualidade.

Ainda, utilizar o método biografemático de Barthes (2003), me permite fazer parte do que é escrito, mesmo que a história a ser contada não seja a minha. A escrita traz meu próprio reflexo, como também traz o reflexo de Sabiá, é um novo quebra-

³⁶ Me refiro aos casos de mpox divulgado pela OMS em 2022 (Procópio; Filho; 2022).

cabeça, feito com as minhas peças e as peças dele, formando algo totalmente novo a partir do encaixe destas. É a fluidez constante, o vir a ser (Deleuze e Guattari, 1996).

REFERÊNCIAS

- AHLERT, Alvorí. *Fé Antropológica Como Ponte Entre Fé e Ideologia Em Juan Luis Segundo*. In: Teología y Vida, vol 48, no. 4, 2007
- ASSUMPÇÃO, D. J. F.; PINA, E. M.; JUNIOR, J. C. P. S. *Fanzine como mídia alternativa: uma análise do cenário belemense*. Revista AlterJor, ed. 4, vol 2, 2011
- BARATA, G. F. *A primeira década da Aids no Brasil: O Fantástico apresenta a doença ao público (1983-1992)*. Tese de mestrado – USP, 2006.
- BARTHES, Roland. *Roland Barthes por Roland Barthes*. São Paulo: Estação Liberdade, 2003.
- BARTHES, R. *Sade, Fourier, Loyola*. Tradução de Mário Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- BECKER, Howard S. *Outsiders: Estudos de sociologia do desvio*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- BIEHL, João. *Will to live: AIDS therapies and the politics of survival*. United Kingdom: Princeton University Press, 2007. *E-book*.
- BIEHL, João. *Vita: Life in a zone of social abandonment*. California: University of California Press, 2013. *E-book*.
- BIEHL, J.; PETRYNA, A. *When people come first: Critical studies in global health*. New Jersey: Princeton University Press, 2013
- BRANDÃO, C. R. *O desencanto do outro: Mistério, magia e religião nos estudos do mundo rural no Brasil*. Anuário Antropológico, [S. l.], v. 16, n. 1, p. 9–30, 2018
- BRITO, Ana Maria; CASTILHO, EUCLIDES A. de; SZWARCOWALD, Célia L. *AIDS e infecção pelo HIV no Brasil: uma epidemia multifacetada*. In: Revista da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical. Minas Gerais, 34(2): 207-217, mar-abr, 2000.
- BRITO, Hérica L.; SEIDL, Eliane M. F. *Resiliência de pessoas com HIV/Aids : influência do Coping Religioso*. In: Trends Psychol., vol.27, no.3, Ribeirão Preto, Set./2019
- BRITTEN, Nicky. *Entrevistas qualitativas*. In: MAYS, Nicholas; POPE, Catherine (Org.). Pesquisa Qualitativa na Atenção à Saúde. Editora Artmed, 2009, p.23-31.
- BRUM, Asher. *Michael e a continuidade da existência: experimento em um grupo reflexivo*. In: Revista Antropolítica, v. 55, n. 3, Niterói, 2023

BRUNO, Fernanda. *Máquinas de ver, modos de ser: vigilância, tecnologia e subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2013.

CARDOSO, S. M. M. *Pai nosso que estais no céu: Santidade e imitação de Cristo na vida de São Francisco de Assis (1181 - 1228)*. Trabalho de Conclusão de Curso de História - Universidade de Sergipe, 2021

CAUSEY, Andrew. *Drawn to See: Drawing as an Ethnographic Method*. Nome da Editora. Toronto: University of Toronto Press, 2017.

COLLINGWOOD, R. G. *Essays in the philosophy of religion*. Chicago: Quadrangle Books, 1968

CLIFFORD, James. *A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2008.

CLIFFORD, James. *A escrita da cultura: poética e política da etnográfica*. Rio de Janeiro: Editora UERJ, 2016.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. São Paulo: Editora 34, 1996.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O que é a filosofia?* Tradução de Bento Prado Júnior e Alberto Alonso Muñoz. 4. ed. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1997.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O que é filosofia?* São Paulo: Editora 34, 1997.

EÇA, J. M. D. M. A. *Subjetividade e dissidência*. Tese de Mestrado em Filosofia - Universidade de Lisboa, 2019.

FASSIN, Didier. *When Bodies Remember: Experiences and Politics of Aids in South Africa*. Berkeley, Los Angeles, London: University of California Press, 2007.

FEIL, G. S. *O método biografemático: escritura nova em educação*. Educação, [S. l.], v. 44, p. e63/ 1–15, 2019.

FERREIRA, D.C.; FAVORETO, C.A.O.; GUIMARÃES, M.B.L. A influência religiosa no conviver com o HIV. *Interface - Comunic., Saude, Educ .*, v.16, n.41, 2012 p.383-93.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir*. Petrópolis: Vozes, 1987

GARCIA, M. R. V.; MATTOS, A. R. *Terapias de conversão: Histórico da (Des)Patologização das Homossexualidades e Embates Jurídicos Contemporâneos*. Psicologia: Ciência e Profissão, v. 39, n. spe3, p. e228550, 2019

GARFINKEL, Harold. *Studies in ethnomethodology*. New Jersey: Prentice-Hall, 1967

GASPARY, L. S. *A parentalidade socioafetiva sob a perspectiva do princípio de afetividade e suas consequências jurídicas: coexistência da parentalidade socioafetiva*

e biológica e a repercussão sucessória. Trabalha de Conclusão de Pós-Graduação Lato Sensu - Escola de Magistratura do Rio de Janeiro, 2018

GOFF, Jacques Le. *São Francisco de Assis*. Tradução de Marcos de Castro. Rio de Janeiro: Editora Record, 2011.

GORINI, Paula. *Corpos dissidentes: perspectivas de gênero e sexualidade na construção de um corpo político*. In: Encontros de Estudos Multidisciplinares em Cultura, ed. XV, 2019, Salvador/BA

HAHN, N. B. *Conexões entre teologia direitos humanos e religião*. In: Direito, Cultura e Religião: conexões e interfaces. São Leopoldo, pp.15-44, 2014.

HINE, Cristina. *Ethnography for the Internet: Embedded, Embodied and Everyday*. NewYork: Bloomsbury Academy, 2015.

KNAUTH, D. R.; HENTGES, B.; MACEDO, J. L. de., PILECCO, F. B., TEIXEIRA, L. B., LEAL, A. F. O diagnóstico do HIV/aids em homens heterossexuais: a surpresa permanece mesmo após mais de 30 anos de epidemia. *Cadernos de Saúde Pública*, v. 36, n. 6, p. e00170118, 2020.

KELLER, E. F. *Whole bodies, whole persons? Cultural Studies, psychoanalysis and biology*. In: Subjectivity: Ethnographic Investigations. Los Angeles, 2007, pp. 352-361.

LEIRIS, M. *O sagrado na vida cotidiana*. Debates do NER, [S. l.], v. 1, n. 31, p. 15–25, 2017.

MAGALHÃES, Henrique. *A mutação radical dos fanzines*. João Pessoa: Marca da Fantasia, 2016

MANICA, Daniela; KOFES, Suely. *Vida e grafias: narrativas antropológicas, entre biografia e etnografia*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015.

MARX, K.; ENGELS, F. *A Ideologia Alemã*. Tradução de Rubens Enderle, Nélío Shneider, Luciano Marotano. São Paulo: Boitempo, 2007

MENG, B., LEVER, A. *Wrapping up the bad news: HIV assembly and release*. In: *Retrovirology*, vol. 10, n5, 10 Jan. 2013

MICHAELIS: *Dicionário Prático da Língua Portuguesa*. 28 ed, São Paulo: Melhoramentos, 2021

MORRISON, TONI. *A origem dos outros: seis ensaios sobre racismo e literatura*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2019

MOTT, L. Bahia: *Inquisição e Sociedade* [online]. Salvador: EDUFBA, 2010. 294p.

MOTT, L.. *Del malo pecado al pecado intrínsecamente malo: la radicalización fundamentalista de la homofobia católica desde los tiempos de la Inquisición hasta Benedicto XVI*. *História* (São Paulo), v. 29, n. 1, p. 4–23, 2010.

NASCIMENTO, L. B. *O impresso na arte: uma busca pelo fanzine*. Dissertação (Mestrado em Arte) — Universidade de Brasília, 2017

NOGUEIRA, V. P. F. et al.. *Spirituality, religiosity, and their representations for people living with HIV: daily life and its experiences*. Revista da Escola de Enfermagem da USP, v. 57, 2023.

OTA, Fernando Alves. *Os antirretrovirais através da história, da descoberta até os dias atuais*. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização) - Instituto de Tecnologia em Fármacos/Farmanguinhos, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2011.

PINHO, Paula Andréa. *Itinerário terapêuticos em construção: Aids, biomedicina e religião*. São Paulo, 2010.

PRECIADO, P. B. *Género y performance*. Desarquivo, 2000. Disponível em: <<https://desarquivo.org/>>.

PRECIADO, Paul Beatriz. *Testo junkie : Sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica*. Tradução de Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: n-1 edições, 2018.

PRECIADO, P. B. *Un apartamento en Urano*, Barcelona: Editorial Anagrama, 2019

PRECIADO, Paul Beatriz. *Aprendiendo del virus*. El pais, mar/2020.

PROCÓPIO, M. R.; FILHO, M. J. V. *Da aids à mpox: sentidos sobre homossexualidade em processos simbólicos estigmatizantes*. In: Revista Comunicação Midiática, v. 17, n. 2, pp. 57-75, 2022.

RIBEIRO, Djamila. *O que é lugar de fala?* Belo Horizonte: Letramento, 2017.

RIBEIRO, L. C. S.; FREITAS, M. I. F, TUPINAMBÁS, U., LANA, F. C. F. *Late diagnosis of Human Immunodeficiency Virus infection and associated factors*. Revista Latino-Americana de Enfermagem, v. 28, p. e3342, 2020.

SILVA, A. F. *Poética da existência: Rubem Alves, história de vida, tramas e narrativas*. Tese de Doutorado em Ciências Sociais - Unicamp, 2014.

SILVA, J. P. F. *Desejos commodificados: dos classificados aos perfis nos aplicativos na busca por parceiros do mesmo sexo*. Tese de Mestrado em Sociologia - UFSCAR, 2017

SILVA, Anaxsuell Fernando. *A polifonia da existência: aportes metodológicos para uma pesquisa biográfica em perspectiva antropológica*. Interseções: Revista de Estudos Interdisciplinares, [S. l.], v. 21, n. 2, 2019

SONTAG, Susan. *Doença como metáfora: AIDS e suas metáforas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. *E-book*.

VASCONCELLOS, D. A. DE .; SANTOS, G. G. DA C.. *Agnes e Garfinkel: pensando gênero através de um clássico da sociologia*. Sexualidad, Salud y Sociedad (Rio de Janeiro), n. 37, p. e21210, 2021.

VOLPE, Beto. *Morte e Vida PositHIVa*. Santos: Realejo livros e edições, 2016.